

PERSONAGENS

Anunciador

Valdir

Neide

Bandido I

Bandido II

Bandido III

Diabo

Homem de Branco

Presidente

Coro dos Enjaulados

Locutor

Tabelião

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
FONE 226.0242 - CEP 90020-025

≡ O HOMEM QUE ENSINOU O DIABO E AINDA PERDEU
TUDO

DE SUTTERBERG.

PRÓLOGO:

UM ESPETÁCULO DE CIRCO FORA DO CIRCO. A CHARANGA. O VE-
LHO JAZZ-BAND, ACRESCIDO DE ESTRIDENTES GUITARRAS ELÉ-
TRICAS, TOCOU NOVOS E VELHOS SUCESSOS DA MÚSICA POPU-
LAR. AGORA, OBEDECE A UM SILVO LONGO DE APITO, E EXECU-
TA A POLCA DA ÁGUIA VOADORA. O CERIMONIAL DO ESPETÁCU-
LO QUE ESTÁ COMEÇANDO. APAGAM-SE AS LUZES DA PLATÉIA,
OS REFLETORES DO PALCO SE ILUMINAM. TUDO DEVE SER CUI-
DADO PARA QUE ESSES MOMENTOS REALIZEM O PRODÍGIO DE
CONDICIONAMENTO COM QUE OS CIRCOS CONSEGUEM ANIMAR SEU
PÚBLICO PARA ACEITAR OS MESMOS E ETERNOS NÚMEROS, NEM
SEMPRE OS MELHORES DE CADA CATEGORIA. A CHARANGA TERMI-
NA A EXECUÇÃO DA POLCA DA ÁGUIA VOADORA, UMA ESPÉCIE
DE OVERTURE. O PICADEIRO ESTÁ VAZIO E ILUMINADO. NOVO
SILVO DE APITO. ACORDE.

ANUNCIADOR:

(VINDO ATÉ AO MEIO DO PALCO, DE ROUPA DE MONTARIA, CAR-
TOLA, CHICOTE, BOTAS)

O Circo e Teatro Fekete tem a honra de apresentar seu
espetáculo desta noite e anuncia (ACORDE) seus artis-
tas (ACORDE) suas atrações (ACORDE) seus dramas e comé-
dias (ACORDE). Um espetáculo destinado às pessoas de
bom gosto e inteligência.

(NOVO SILVO DE APITO. A CHARANGA TOCA A INTRODUÇÃO DA
"CANÇÃO DA APRESENTAÇÃO". CORREM AS CORTINAS. OS PERSO-
NAGENS QUE TOMARÃO PARTE NO ESPETÁCULO, OS MAQUINISTAS
E DEMAIS EMPREGADOS DO CIRCO COMEÇAM A DESFILAR PELO
PALCO, EM DUAS FILAS QUE SE CRUZARÃO NA PASSARELA. TO-
DOS CANTAM. AS MULHERES JOGAM BEIJOS E OS HOMENS ACE-
NAM ALEGREMENTE)

CANÇÃO DA APRESENTAÇÃO

Quem nunca viu,
verá.
Quem não sabia,
saberá.
Quem não gosta,
gostará.
Quem não espera,
terá.

Esta noite o circo mudou

Um circo sem anão
sem fera e equilibrista
sem o homem que engole espada
sem mágico e sem ciclista

Esta noite o circo mudou

O espetáculo é na rua
de lona arriada
sem leão, sem elefante
não tem macacada

Esta noite o circo mudou

A lona foi fácil dobrar
bicho fácilimo vender
truques fáceis de esquecer
mas, dos artistas, que fazer?

Esta noite o circo mudou

Tanta gente desempregada
sem palmas e sem tostão
com medo da fome (que **palavrão!**)
procurou salvação

Esta noite o circo mudou

Numa encruzilhada perdida
na maior confusão
descobriu-se o diabo
uma singular atração

Esta noite o circo mudou

Um espetáculo com o diabo
mentindo e contando lorota
um artista em carne e osso
bancando até patriota

Esta noite o circo mudou

Olhe o diabo,
cuidado com ele
corra do bicho,
que é muito safado
e pau nele,
o desengonçado.

Esta noite o circo mudou

ANUNCIADOR:

(QUE FICA NO PALCO SOZINHO APÓS O DESFILE DO ELENCO)
Atenção, atenção, muita atenção! Avisamos que qual-
quer semelhança dos personagens deste espetáculo com
pessoas vivas ou mortas não é mera coincidência: é
proposital. Qualquer dos presentes, ou ausentes que
deste espetáculo venha a tomar conhecimento, pode bo-
tar as carapuças na cabeça ou na de algum amigo ou
inimigo. Tudo inteiramente à vontade do freguês. (A-
CORDE) E agora, distintíssimo público, o grande espe-
táculo da noite: "O Homem que enganou o Diabo (ACOR-
DE)... e ainda pediu troco".

PRIMEIRO EPISÓDIO

CHARANGA E CORO

Olha o diabo,
cuidado com ele
corre do bicho
que é muito safado.
E pau nele,
o desengonçado.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

(LUZ EM RESISTÊNCIA. A CENA SE PASSA NUMA ABANDONADA
ESTRADA SUBURBANA)

VALDIR:

Neiiiiiiiiiiiiiiiiide! ôôôôôôôôôôôô Neiiiiiiiiiiiiide!

NEIDE:

Escandaloso. Pronto, acabou-se o segredo. Com esses
seus gritos, dez quilômetros ^{em torno} deste vale malassombra-

do sabem agora que uma Neiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiide vai encontrar-se com um gritador.

VALDIR: A culpa foi toda sua. Demorou e preocupei-me. Mas, como você está cansada e assustada.

NEIDE: Foi a corrida. Vim feito uma louca, com medo que seus gritos terminassem por despertar o povo lá de casa. Já estão com a pulga atrás da orelha. Querem saber quem é a voz que telefona, o fantasma com quem saio todas as noites e que me deixa em casa, sumindo no escuro depois de muitos beijos.

VALDIR: E se descobrem?

NEIDE: Não me preocupo de véspera. Gostem ou não, o importante é que lhe quero cada vez mais.

VALDIR: Garanto a minha parte. Do meu lado isso também acontece.

NEIDE: Naturalmente pra um poeta é mais fácil demonstrar. A poesia tem todas as chaves da imaginação.

VALDIR: Imaginação que não vale nada, quando o que se enfrenta é a força e a violência. Imaginem, se cismam que não podemos nos amar...

NEIDE: Mesmo assim nos amaremos.

VALDIR: Se cismam e resolvem que não podemos mais nos amar perseguindo-nos e nos fazendo fugitivos.

NEIDE: Mesmo assim nos amamos.

VALDIR: Mas, podem aumentar a pressão. Da passiva ameaça atual podem partir para a ação. Na verdade, tenho vontade de desafiar. De repente, surgir em plena cidade, entrar na sua casa, dar boa noite e anunciar como se faz no circo: "Senhores e Senhoras, distintis-

simo público. Valdir, o poeta, e Neide, a professora, anunciam o seu amor".

NEIDE: Anunciam seu amor e pedem passagem.
(OS DOIS SE ABRAÇAM E SE BEIJAM)

VALDIR: E então...

NEIDE: Ah, não imagina o que o espera. Mil pessoas em cima de você, feito urubus famintos, dissecando-o com mil perguntas:

Quanto ganha?
De onde é sua família?
É Cavalcanti com t-i ou t-e te?
É bom de juízo?
Tem casa própria?
É formado?
É católico?
Tem automóvel?
Sofre do coração?
Em política, é da direita ou da esquerda?
E esse cabelo grande, por que não corta?
E essa barba comprida, por que não rapa?
Escova os dentes todos os dias?
Onde mora?
Quando pensa casar?
Quantos filhos quer ter?
É a favor ou contra o divórcio?
Tem parentes tuberculosos?
Dorme cedo?
Acorda tarde?
Não é muito velho para namorar?
Não é muito moço para casar?

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 228.0242 - CEP 90020-025

VALDIR: Não esperarei que terminem as perguntas. Fugirei.

NEIDE: Só espero que também me leve.

VALDIR: Estarei fugindo para o desconhecido e para nunca mais voltar.

- NEIDE: Não me importa nada. Quero ir também.
- VALDIR: Oh, amor, como me foi possível, imaginar uma fuga sem você. Não fosse um prudente - acho-me mesmo um covarde - fugiríamos agora.
- NEIDE: Não o acho covarde. Sua esperança de conciliar me agrada. É generosa. Aquele conselho de guerreiro que você tanto repete é pura sabedoria. Aquela história da "retirada estratégica..."
- VALDIR: "Mais vale uma retirada estratégica do que uma morte gloriosa".
- NEIDE: Retirada não é derrota, é um adiamento.
- (ACORDE MUSICAL. FALATÓRIO, GARGALHADAS)
- VALDIR: Devem ser moradores da redondeza.
- NEIDE: Estão vindo pra cá. Estão entrando pra dentro do mato. Vamos sair daqui. É melhor evitá-los.
- VALDIR: Não se preocupe. Não há perigo.
- NEIDE: É melhor a gente ir embora.
- (NOVO ACORDE. VOZES MAIS PRÓXIMAS)
- VOZ: Disfarça, pessoal, pra não apavorar os pombinhos.
- NEIDE: Tenho medo.
- VALDIR: Vamos sair da estrada.
- VOZ: É proibido namorar nesse escurinho.
- VALDIR: Vamos por aqui, rápido.
- (UM GRUPO DE ASSALTANTES PULA NO PALCO, EMPURRANDO VALDIR E NEIDE PARA DENTRO DA CENA)

Iam fugir, filhinhos? Queriam deixar na mão aqui os amigos? Nada disso. Isto é um assalto. Queremos dinheiro, jóias, valores em geral.

- VALDIR: Quase não tenho dinheiro.
- 1º BANDIDO: Não diga isso bonito. Sem dinheiro não se pega uma mulher boa como essa que você tem. Vai lá, Tião, revista o homem.
- VALDIR: Estou falando sério, saí de casa quase sem dinheiro.
- 2º BANDIDO: (DEPOIS DE REVISTAR VALDIR)
Ele tem razão. O cara é frito mesmo. Só achei 12 cruzeiros.
- 1º BANDIDO: Vê a bolsa da moça, Zeferino.
- 2º BANDIDO: O cara é mesmo um pangarável. Não tem nem relógio. Nem correntinha de ouro no pescoço. Nem anel de doutor.
- 3º BANDIDO: (DEPOIS DE REVISTAR A BOLSA DE NEIDE)
A bolsa da moça só tem uma carteira de estudante e cinco cruzeiros. E um lencinho.
- 1º BANDIDO: Como é rapaz, não tem vergonha de vir namorar nesse escurinho e não trazer nem um dinheirinho razoável para casos de necessidade, como esse agora? Então, como vai ser? Como vai gratificar aqui a quadrilha que perdeu um tempo danado e teve tanto trabalho em apanhá-los.
- 2º BANDIDO: Um assalto desse não pode render só 17 cruzeiros. Pela pinta do casal, gente de boa aparência, tinha que dar mais. Mas, vamos arranjar um jeito de fazer esse assalto render.
- 3º BANDIDO: O jeito é ficar com a moça. Mestre Lu vai gostar mais da mulher do que o dinheiro e o ouro que se arrecadasse. Garanto.

1º BANDIDO: Boa idéia. Mestre Lu vai gostar mais da mulher.

3º BANDIDO: Olhando bem, é uma bela fêmea. Um mulheraço.

VALDIR: (ABRAÇANDO NEIDE)
Posso pagar a vocês até 200 contos. Tenho em casa. Vamos lá buscar. Prometo não chamar a polícia nem fazer escândalo. É aqui perto.

1º BANDIDO: Isso é grupo. Golpe antigo. Assalto é dessas coisas que se resolve na hora ou não se resolve nunca. Esse outro negócio é chantagem, e quem trabalha nesse ramo é outro tipo de bandido, pessoal mais granfino.

3º BANDIDO: O melhor mesmo é ficarmos com a mulher.

1º BANDIDO: Meu caro, você está livre. Deixe a mulher e vá em frente, sem olhar pra trás. Espere tranquilo que amanhã cedo lhe devolvemos a namoradinha.

VALDIR: Isso não. Isso não. Não toquem na moça. Podem me matar, mas não toquem na moça.

1º BANDIDO: O que devemos fazer, fica por nossa conta. Se você tivesse dado uma boa arrecadação à quadrilha, não íamos pensar em ficar com a sua mulher.

VALDIR: De jeito nenhum. Não vou deixar a moça com vocês. Essa não.

1º BANDIDO: Fique calmo. Deixe o caso por nossa conta. Pode ir sossegado. Ninguém aqui vai tocar nela, ninguém da quadrilha vai fazer nada com a sua namorada. Vamos entregá-la pro nosso chefe, Mestre Lu, pessoa muito poderosa, acostumada com mulher de primeira classe. Esperamos que ele ache interessante a sua namoradinha e queira ficar com ela... vamos oferecer.

(BANDIDOS AVANÇAM PARA VALDIR E NEIDE, SEPARAM E AMARRAM OS DOIS. NEIDE GRITA E TAPAM-LHE A BOCA COM UM LENÇO. VALDIR CONSEGUE SAFAR-SE, OUVEM-SE TIROS E

É NOVAMENTE SUBJUGADO. ANIMADOS ACORDES DA CHARANGA)

DIABO: (SURGINDO EM CENA, AOS SALTOS E GARGALHADAS)
Prrrrrrrrrrraaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa. Aqui
estou, o Diabo, em carne e osso, de chifre e rabo.
Meu número é 666, sou a Besta do Apocalipse e na ter
ra não há medida que possa medir o meu poder. Salve!

BANDIDOS: (COM CHARANGA E CORO)

Salve Mestre Lu, grande Diabo
Senhor de muitos nomes
Dono de muitas artes
Lúcifer, Satanás, Exu
Salve Mestre Lu, grande Diabo

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone 226.0242 - CEP 90020-025

DIABO: Salve, salve, salve! Burungundun-dun-dun. Mas, que
mulher boa! É nossa?

1º BANDIDO: Nossa. Toda sua, Mestre Lu. Nós a tiramos de um po-
bre homem sem dinheiro, sem jóias nem valores. É to-
da sua.

VALDIR: É minha. Bandidos canalhas, soltem a moça.

DIABO: Mas, o que é isso? Então, vocês me oferecem uma mu-
lher de presente e esse senhor diz que é o dono! Que
história é essa? A mulher é ou não é minha? Quero
explicações.

1º BANDIDO: Esse cara era de fato o dono da mulher, quando nós,
bandidos profissionais, devidamente registrados e
agindo em nome do Mestre Lu, grande Diabo, o assalta-
mos. Queríamos dinheiro, jóias e outros valores. Mas
ele e ela, juntos, tinham apenas 17 cruzeiros.

2º BANDIDO: Muito pouco dinheiro. Muito pouco.

1º BANDIDO: Decidimos então ficar com a mulher como compensação.
E liberamos o cara. Mandamos que ele fosse embora,

em paz, sem sofrer nenhum castigo. Quanto à mulher, pensamos em guardá-la exatamente para o nosso mau Mestre Lu, grande Diabo. É sua.

VALDIR: É minha. Covardes. A mulher é minha.

1º BANDIDO: Cala a boca, atrevido. Conforme-se com a derrota. Você perdeu a mulher. Agora ela é do Mestre Lu.

VALDIR: A mulher é minha. Só me seguraram porque são muitos. Covardes. A mulher é minha.

DIABO: Esse senhor está me provocando. Aqui ninguém é covarde. Meus homens não são covardes. Soltem o homem.

(OS BANDIDOS LIBERTAM IMEDIATAMENTE VALDIR, QUE SALTA EM DIREÇÃO A NEIDE, AINDA PRISIONEIRA. NÃO CHEGA A ALCANÇÁ-LA PORQUE O DIABO DÁ UMA CONTRA-ORDEM E OS BANDIDOS VOLTAM A SEGURÁ-LO. A CENA SE REPETE IGUALZINHA POR TRÊS VEZES)

DIABO: Segurem o homem
Soltem o homem
Segurem o homem
Soltem o homem
Segurem o homem

VALDIR: Canalhas. Diabo covarde, porco, sem caráter.

DIABO: Me chamou de covarde?

VALDIR: Covarde, porco, sem caráter, canalha, sem vergonha.

DIABO: Homenzinho ordinário. Não sou covarde, nem porco, nem canalha, nem sem vergonha. Está enganado. Isso são infâmias que espalham por aí. Exijo respeito e consideração. Mestre Lu, grande Diabo, protetor dos maus, chefe supremo dos bandidos, exige respeito. Sou o inventor da hipocrisia e pessoa muito justa e generosa. Não admito ser chamado de covarde. Também não

são covardes meus fiéis bandidos, assaltantes de estradas.

VALDIR: Então me dê uma oportunidade para derrotá-los. Deixe me lutar com um dos seus bandidos. Mas, que venha um de cada vez.

DIABO: Faço melhor. Mostro a minha generosidade. O que faz pra ganhar a vida? Joga futebol? Pensa, briga, perde tempo com a arte? Ou faz ciência?

VALDIR: Sou poeta.

DIABO: Ah! É artista. Um tipo de adversário muito interessante. Geralmente, não têm muita força, mas, costumam supri-la pela astúcia. Os artistas têm fama de astutos quando são perseguidos pelos brutos. Muito bom adversário. Tenho o gosto olímpico da competição.

VALDIR: Quem vai brigar primeiro? Escolha qualquer um dos seus homens, seja o mais forte ou o mais inteligente.

DIABO: Nada disso. Quem vai enfrentá-lo sou eu. Até mesmo, por uma questão de justiça: quero ficar com a sua mulher e desejo ganhá-la pessoalmente, sem ajuda de ninguém.

VALDIR: Começemos. Soltem-me.

DIABO: Soltem o homem.

VALDIR: (JÁ SOLTO)
Como vamos nos enfrentar? Estou pronto.

DIABO: Com a inteligência. O seu terreno, posta. Veja como sou razoável.

VALDIR: Isso me interessa pouco. Já disse que topo qualquer parada. Mas, é preciso que fique acertado desde já:

se eu ganhar, não haverá apelação. Você e seus bandidos me devolvem a namorada e deixam-nos ir em paz.

DIABO: De acordo. Está certo.

VALDIR: Que fique tudo escrito e assinado.

DIABO: De acordo. Está certo. Quem é aí que toma as notas? Traga caneta e papel e anote o que for sendo ditado. Vamos, escreva. "Contrato: Mestre Lu, grande Diabo, e o poeta prisioneiro, de nome..." Como é mesmo seu nome?

VALDIR:

Valdir.

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

DIABO:

Mestre Lu, grande Diabo, e o poeta prisioneiro, de nome Valdir, acertam de livre e espontânea vontade, o seguinte:

Primeiro: Mestre Lu fará um desafio ao poeta.

Segundo : O poeta terá 60 segundos para resolvê-lo.

Terceiro: Mestre Lu ficará com a mulher do poeta, se ele perder.

Quarto : Não há apelação.

VALDIR:

Quinto : Se ganhar, o poeta e sua namorada serão libertados e poderão partir sem qualquer problema.

DIABO:

Perfeito. Agora, tragam o papel aqui. Quero assinar. (ASSINA)

(LEVAM AO POETA VALDIR PRA ELE ASSINAR TAMBÉM)

VALDIR:

(DEPOIS DE ASSINAR)

Estou pronto.

DIABO:

Farei meu desafio. Tragam as minhas garrafas.

(OS BANDIDOS TRAZEM PARA O MEIO DO PALCO UMA PEQUE-

NA ESTANTE ONDE ESTÃO ARRUMADAS NAS PRATELEIRAS TREZE GARRAFAS, CHEIAS DE LÍQUIDOS COLORIDOS, CADA UMA COM UMA COR DIFERENTE. O DIABO A RECEBE AOS SALTOS. COM UM FERRINHO, EXPERIMENTA UMA ESPÉCIE DE ESCALA MUSICAL NAS GARRAFAS)

DIABO: Atenção, poeta. Aqui estão minhas garrafas. Uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze, treze. Uma dúzia.

VALDIR: Treze? Uma dúzia de treze? Só se for a dúzia do Diabo.

DIABO: É por isso que é bom tratar com gente inteligente. A certou. Treze é a dúzia do Diabo. Pois estão aqui treze garrafas, cada uma de uma cor diferente, cada uma com uma substância diversa. Ah, minhas substâncias infernais. Meu vermelhinho de aqular os odiosos. Meu verdinho de enganar os tolos. Meu azulzinho de pintar as tempestades para perder os viajantes. O amarelinho dos azares. O roxo dos agouros. Bem aqui estão minhas treze garrafas. E aqui está também esse tubo de ensaio. Faço agora meu desafio. Muita atenção! Você tem que colocar todas as substâncias desses treze vidros neste tubo. Ou, então, perde a mulher. (APROXIMANDO-SE DE NEIDE E PASSANDO A MÃO NA CINTURA DELA) Mas, que mulher boa.

VALDIR: Repita. Quero ouvir de novo o desafio.

DIABO: (PULANDO E QUASE CANTANDO, SEPARANDO AS SÍLABAS)
Vo-cê de-ve co-lo-car to-das as subs-tân-ci-as con-ti-das nes-ses vi-dros den-tro des-te tu-bo. Se não per-de-rá a mu-lher.

VALDIR: Recuso o desafio. É absurdo. Faça outro.

DIABO: Não. Não pode recusar. Só lhe resta colocar todas essas substâncias no tubinho ou perder a mulher. Esse desafio é o único e definitivo. Se desistir, tam

bém perde a mulher. Lembre-se de que assinou um contrato.

VALDIR: Estou perdido.

DIABO: Tragam o relógio marca desgraça. Vai começar a contar tempo. Um, dois, três, já.

(ENTRA UM ENORME MOSTRADOR, COM UM ÚNICO PONTEIRO E QUE UM DIABINHO ACIONA. EM VÁRIAS OPORTUNIDADES O PRÓPRIO DIABO SE APROXIMA DO MOSTRADOR E FAZ ELE PULAR DEZ SEGUNDOS DE UMA VEZ)

VALDIR: Espere um pouco. Não comece a contar já.

DIABO: Tá certo. Volta o ponteiro. Eu lhe dou mais essa vantagem. Mas, só permito uma única pergunta.

VALDIR: Colocar todas essas substâncias, contidas em treze vidros, num tubinho que é menor do que um só dos treze vidros, não lhe parece um absurdo? Oh, parece que há uma saída! Espere aí!

DIABO: Vamos, rapaz. Não posso esperar mais. Pensando morreu o burro. Pensando você vai perder a mulher. Mas, que mulher boa.

VALDIR: Me responda essa pergunta, Diabo: você disse a palavra substância, não foi? Você disse que devo colocar neste tubo as substâncias desses treze vidros?

DIABO: Assim falei. Tá falado.

(VALDIR DÁ UM SALTO, PEGA UMA PIPETA NA ESTANTE E COMEÇA A COLOCAR UMA GOTTA DE CADA GARRAFA NO TUBO DE ENSAIO. VAI EXIBINDO AO PÚBLICO CADA GOTTA)

VALDIR: Vou ganhar. Vou ganhar.

(O DIABO, INICIALMENTE CONFIANTE, IRRITA-SE À MEDIDA QUE VALDIR SE APROXIMA DAS ÚLTIMAS GARRAFAS. CORRE

PARA O RELÓGIO. A UM SÓ TEMPO VALDIR E O DIABO GRITAM)

VALDIR: Ganhei. Ganhei.

DIABO: Perdeu. Perdeu. Esgotado o tempo regulamentar. Vitória espetacular do diabo.

BANDIDOS: (COM A CHARANGA E CORO)

Salve Mestre Lu, grande Diabo
 Senhor de muitos nomes
 Dono de muitas artes
 Lúçifer, Satanás, Exu
 Salve Mestre Lu, grande Diabo

Teatro de Arena
 Av. Borges de Medeiros, 835
 Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

VALDIR: Alegrem-se, cantem, mas, eu ganhei.

DIABO: Perdeu. Como tem a ousadia de dizer que ganhou?

VALDIR: Neste tubo estão todas as substâncias contidas nessas treze garrafas.

DIABO: Ora, ora, meu caro. Uma gotinha apenas. Eu queria que você botasse nesse tubo todo o líquido contido nas garrafas.

VALDIR: Isso era impossível.

DIABO: Podia ser impossível. Mas, valia para a aposta. Era um desafio.

VALDIR: Só que você, Diabo, quis bancar o complicado e resolveu falar difícil. No lugar de dizer que eu tinha que botar neste tubo todo o líquido contido nessas treze garrafas, disse que eu tinha que botar as "substâncias". "Substâncias", Diabo, quer dizer uma coisa independente da quantidade. Portanto, neste tubo estão todas as substâncias dessas treze garrafas.

- DIABO: Não aceito.
- VALDIR: Chame um químico para servir de tira-teima.
- DIABO: De jeito nenhum. Isso que você tá dizendo é embromação. Ganhei.
- VALDIR: Então mande buscar um dicionário.
- DIABO: Eu desconjuro. Não gosto nem de livro de bruxaria.
- VALDIR: Serve livro de bruxaria, que é a química dos tolos. Em toda parte substância é a palavra que designa as coisas independente da quantidade.
- DIABO: Não. Não. Já disse que não. Ganhei. E fim de papo. A mulher é minha.
- VALDIR: Diabo ladrão, cretino, canalha.
- DIABO: Me passem a moça. Mas, que mulher boa.
- VALDIR: (AINDA SOLTO PARA O DESAFIO, SALTA PARA ABRAÇAR-SE COM NEIDE)
Diabo canalha. Eu ganhei.
- DIABO: Segurem o homem. Segurem o homem. Segurem o homem. Amarrem o homem. Levem o homem. Joguem esse infeliz no inferno. Mas, que mulher boa.
- DIABO: Soltem-me, quero dar na cara desse Diabo ladrão, nojento, sem vergonha.
- DIABO: Cala a boca, atrevido. Seja esportivo, saiba perder. Já disse que ganhei e basta. Mas, mesmo que eu tivesse perdido - suponhamos que eu tivesse perdido - mesmo assim ia ficar com a moça. Veja bem: os bandidos são meus, estou com a força e faço o que achar melhor.
- VALDIR: Mas, e a aposta? O contrato que assinamos, não vale nada?

DIABO: Não vale nada. Quer ver? Tragam o contrato. Não seja por esse pedaço de papel assinado. Eu rasgo.

(BANDIDOS TRAZEM O CONTRATO, QUE O DIABO EXIBE E EM SEGUIDA - AO SOM DE UM ACORDE DA CHARANGA - RASGA)

VALDIR: Diabo canalha.

DIABO: Levem depressa esse idiota e me tragam o troféu. Ah, que mulher boa.

(APAGAM-SE AS LUZES DO PALCO. **CLARINADA**. SPOT SOBRE UM TRAPÉZIO QUE SE DESPREGA DE UMA CAIXA NO FUNDO DO PALCO. NELE VEM SENTADO UM HOMEM DE BRANCO, QUE ACENA, ORA COM UMA CRUZ DE MADEIRA, ORA COM UMA FIGA PRETA, ORA COM UMA TRANÇA DE ALHO. O DIABO SE CONTORCE E FOGE À VISÃO DO HOMEM DE BRANCO. OS BANDIDOS SOLTAM VALDIR E NEI DE)

HOMEM DE BRANCO: (SEMPRE SE BALANÇANDO NO TRAPÉZIO)
Que desgraça você anda fazendo no mundo, Diabo?

DIABO: Uma aposta muito honrada, de que fui vencedor e perdedor um poeta imbecil.

VALDIR: Nada disso. Conte a verdade, Diabo. Você quis fazer uma trapaça, usar a força e a maldade. Mas como é burro, estrepou-se.

DIABO: Desta vez, a razão está comigo. Esse cara quis bancar o sabido.

HOMEM DE BRANCO: Se você agiu com justiça e respeito, Diabo, foi a primeira vez que isso aconteceu na história do mundo.

DIABO: Pois foi assim, por mais incrível que pareça. Ouça o que se passou. Os meus bandidos vinham pe-

la estrada, cansados, depois de um dia de muitas maldades, quando encontraram esse casal. O homem é poeta e a mulher é a namorada dele. Os dois não sei como descobriram que os meus homens eram diabos, pois eles vinham muito bem disfarçados, rabos escondidos e não faziam nenhuma violência. O casal passou a insultar os meus diabos, gritando provocações. Diziam coisas assim: "Bando de capeta, filhos da Marieta. Bando de capeta, filhos da Marieta".

VALDIR:

Mentira. Não aconteceu nada disso. Os bandidos vieram nos assaltar e, como não tínhamos dinheiro, quiseram ficar com a minha namorada.

DIABO:

Conte a história inteira. Diga qual foi o meu comportamento exemplar quando os meus bandidos me deram de presente a sua namorada. Descreva meu comportamento olímpico. Conte que eu apareci, por acaso, na hora do assalto e sabendo que a mulher estava sendo roubada, com o rapaz esperneando, me ofereci para ganhá-la através de uma aposta limpa.

VALDIR:

E eu ganhei essa aposta.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

HOMEM DE BRANCO:

Como foi a aposta?

VALDIR:

Um contrato escrito, que o Diabo, quando se viu perdido, rasgou.

DIABO:

Eu devia propor um desafio. Se o Valdir não acertasse, me entregava a mulher. Meu desafio foi o seguinte: ele devia botar o líquido contido nesses treze vidros dentro deste tubo.

VALDIR:

Foi aí que o Diabo se perdeu. Metido a falar difícil, esqueceu-se que o negócio dele é a violência e não a inteligência.

HOMEM DE BRANCO:

Violência e inteligência não se dão muito bem, ouviu Diabo?

- VALDIR: Pois aí o Diabo se estrepou. Disse que devia colocar nesse tubo as substâncias dos trezes vidros... foi o que fiz. No tempo que ele queria, 60 segundos, aliás roubados, coloquei uma gota de cada vidro no tubinho.
- HOMEM DE BRANCO: Então, Diabo, por que essa confusão toda?
- DIABO: Porque eu ganhei, mas esse cara não aceita entregar a namorada.
- VALDIR: Eu ganhei.
- HOMEM DE BRANCO: Mas, por que essa confusão?
- VALDIR: A confusão é porque o Diabo insiste em fazer que o que vale no mundo é a força e isso ele tem. Diz que os bandidos são dele e ele fica de qualquer forma com a minha namorada. E isso eu não deixo. Antes eles terão que me matar.
- HOMEM DE BRANCO: (ACENANDO PARA O DIABO COM A CRUZ E FAZENDO-O VIRAR CAMBALHOTAS)
Chô, Diabo, chô, chô! Sai seu covarde, malfeitor, inventor da hipocrisia. Volta para o inferno com os seus bandidos. Deixa em paz a mocinha, deixa em paz o poeta.
- NEIDE: (LEVANTA O BRAÇO DE VALDIR, COMO SE PROCLAMAM OS VENCEDORES, NOS RINGUES)
O vencedor.
- HOMEM DE BRANCO: (RINDO, SEMPRE SE BALANÇANDO NO TRAPÉZIO)
Está provado, não há dúvida, mais vale um poeta ousado do que um diabo armado.
- (A CHARANGA REPETE OS ACORDES DOS MOMENTOS CULMINANTES DO ESPETÁCULO. VALDIR E NEIDE, EM CADA PONTO DO PALCO, CURVAM-SE AOS APLAUSOS E SE A-PONTAM MUTUAMENTE AO PÚBLICO. POR FIM, DÃO-SE AS MÃOS E SAEM AOS SALTOS, COMO BAILARINOS.

O ANUNCIADOR E OUTROS EMPREGADOS DA COMPANHIA, ENTRE ELES, OS MESMOS ATORES QUE REPRESENTARAM OS BANDIDOS, AGORA VESTIDOS COM OS CLÁSSICOS PALETÓS DEBRUNHADOS DOS AJUDANTES DE CIRCO, VÊM AO PALCO RECOLHER OS OBJETOS DA CENA, NUMA MOVIMENTAÇÃO QUE É UM CURIOSO E ANIMADO CERIMONIAL)

SEGUNDO EPISÓDIO

ANUNCIADOR:

(PRECEDIDO DE ACORDES)

Senhores e Senhoras. O Circo e Teatro Fekete, prosseguindo com o seu espetáculo de hoje, anuncia o Episódio nº 2 de "O Homem que enganou o Diabo... (ACORDE) ... e ainda pediu troco". (ACORDE)

(CLARINADAS. SONS ESTRIDENTES. ACORDES DIVERSOS. TUDO PARA SUBLINHAR OS LETREIROS - PROJETADOS NUMA TELA OU EM CARTAZES QUE DESFILAM PELO PALCO - QUE ANUNCIAM UMA GRANDE DESCOBERTA:

- "CRI-H, O SEGREDO FINAL"
- "CRI-H, CURA O CANCER"
- "CRI-H, O COMBUSTÍVEL QUE LEVA ÀS ESTRELAS"
- "CRI-H, MATA A FOME"
- "CRI-H, É A SOLUÇÃO"
- "CRI-H, FAZ A PAZ, EXTINGUE A GUERRA"

EM SEGUIDA - APÓS A APRESENTAÇÃO DE CADA UM DOS LETREIROS - OS EMPREGADOS DO CIRCO E TODO ELENCO, CANTAM A "CANÇÃO DA BRILHANTE INVENÇÃO")

CANÇÃO DA BRILHANTE INVENÇÃO

O ar em que voam os passarinhos
vai trazê-los de volta bonzinhos
As máquinas da poluição
já promovem a purificação
CRI-H, a grande invenção
regenera a industrialização.

O ódio certamente odiará
 essa invenção não é de matar
 não haverá desemprego
 nem tão pouco desmobilização
 CRI-H, a garantia da paz
 mata a fome, extingue a dor.

O fim da morte e da infâmia
 da pobreza e da especulação
 da exploração e da ignorância
 de todo mal e destruição
 CRI-H, a química do amor
 palmas para o nosso inventor.

NEIDE: (ENTRA NO FIM DA CANÇÃO E REPETE ALGUNS VERSOS, EXIBINDO JORNAIS)

CRI-H, a grande invenção
 regenera a industrialização
 CRI-H, a garantia da paz
 mata a fome, extingue a dor
 CRI-H, a química do amor
 palmas para o nosso inventor.

VALDIR: Que bom, heim. Todos festejam a Crisopeia-H. E que delícia o apelido que os jornais arranjaram. Agora, só se fala em CRI-H. É até musical. (CANTAROLA) "CRI-H, a grande invenção regenera a industrialização".

NEIDE: A loucura é geral. Por toda a parte se festeja o CRI-H. Jornais, televisão, telefonemas, um inferno. Todos festejam e todos lhe procuram.

VALDIR: Acho isto ótimo. Os resultados dos testes foram perfeitos. A Crisopeia-H é exatamente o que procurei descobrir.

NEIDE: Diga CRI-H, como o povo está chamando.

VALDIR: Pois não. A Crisopeia-H passa a ser, apenas, (CANTAROLA) "CRI-H, a grande invenção, regenera a industrialização".

- NEIDE: Da Universidade mandam dizer que há convites para ir a toda parte. Estou sonhando com as viagens. Quando começaremos?
- VALDIR: Calma. Ainda não faz um dia que terminamos os testes de eficiência do CRI-H. É preciso esperar.
- (CHARANGA E CORO TOCAM UMA ESTROFE DA "CANÇÃO DA BRILHANTE INVENÇÃO", ENTRECORTADA POR BARULHO DE SIRENES, MOTOCICLETAS E AUTOMÓVEIS)
- ANUNCIADOR: O Presidente da República de Bolocochistão.
- PRESIDENTE: Parabens, cientista Valdir. Nosso País está orgulhoso do seu trabalho e deslumbrado com seu invento. Como Presidente da República de Bolocochistão resolvi vir pessoalmente abraçá-lo. O mundo inteiro está de boca aberta e nosso povo está na rua, fazendo o maior Carnaval. Zirigindum-dum-dum.
- VALDIR: Senhor Presidente, sou grato a esse reconhecimento. Estou muito honrado.
- NEIDE: O senhor não precisava ter se incomodado. Nós teríamos ido lá no Palácio.
- PRESIDENTE: De forma nenhuma. Nem Valdir tem nada a agradecer. Bolocochistão é que lhe agradece por ter descoberto (CANTAROLA) "CRI-H, a grande invenção, regenera a industrialização".
- VALDIR: Mas, Presidente, essa celebração toda do CRI-H está me deixando um pouco encabulado. Na verdade, foram três anos, nove meses e sete dias de pesquisas. Muitas dificuldades...
- PRESIDENTE: E eu imagino quantas chateações e intrigas o senhor não teve que aturar. Quanto bossal não quis atraparlar. Mas, o que vale é que o senhor mandou essa cana lha toda pra corner e está aí o CRI-H (CANTAROLA) "CRI-H, a garantia da paz mata a fome, extingue a dor!"

NEIDE: Da Universidade mandam dizer que há convites para ir a toda a parte. Estou sonhando com as viagens. Quando começaremos ?

VALDIR: Calma. Ainda não faz um dia que terminaram os testes de eficiência do CRI-H. É preciso esperar.
(Charanga e cõro tocam uma estrofe da canção da Brilhante Invenção entrecortada por barulhos de sirenes, motocicletas e automóveis)

ANUNCIADOR: O Presidente da República de Bolocochistão.

PRESIDENTE: Parabéns, cientista Valdir. Nosso país está orgulhoso - do seu trabalho e deslumbrado com seu invento. Como Presidente da República de Bolocochistão resolvi vir pessoalmente abraçá-lo. O mundo inteiro está de boca aberta e nosso povo está na rua, fazendo o maior Carnaval da história. Zirigindun-dun-dun.

VALDIR: Senhor Presidente, sou grato a esse reconhecimento. Estou muito honrado.

NEIDE: O senhor não precisava ter se incomodado. Nós teríamos ido lá no Palácio.

PRESIDENTE: De forma nenhuma. Nem Valdir tem nada a agradecer. Bolocochistão é que lhe agradece por ter descoberto (cantarola) "CRI-H, a grande invenção regenera a industrialização."

VALDIR: Mas, Præsidente, essa celebração toda do CRI-H me deixa um pouco encabulado. Na verdade, foram três anos, nove meses e sete dias de pesquisa. Muitas dificuldades.

PRESIDENTE: E eu imagino quantas chateações e intrigas o senhor não teve que aturar. Quanto bossal não quiz atrapalhar. Mas, o que vale é que o senhor mandou essa canalha toda pra correr e está aí o CRI-H (cantarola) "CRI-H, a garantia da paz mata a fome, extingue a dor".

- VALDIR: Mas, Presidente, quero lhe fazer uma comunicação...
- PRESIDENTE: Antes, me diga, por que chamou a sua fórmula de CRI-H? Não seria melhor chamar de BOLOLÔ-71? Seria uma homenagem ao nosso País.
- VALDIR: Aliás, o nome não é CRI-H. Esse é o apelido. O nome mesmo é Crisopeia-H.
- PRESIDENTE: Crisopeia-H? Parece nome de cobra.
- VALDIR: É um nome tirado da alquimia. Como o senhor sabe, quando larguei a ciência convencional e me meti com o ocultismo e outras loucuras, o que mais me encantou no mundo foi uma fórmula antiga chamada Crisopeia, que consistia transformar todos os metais em ouro.
- PRESIDENTE: Essas fórmulas são muito esotéricas.
- VALDIR: Eu também ri-me muito delas, mas fiquei com a idéia na cabeça. Transformar tudo em (ouro), desmoralizar o símbolo da riqueza e da ganância. Quando descobri minha fórmula salvadora, o nome que me ocorreu foi só Crisopeia-H. Crisopeia Humanística. Finalmente, minha fórmula acaba com a fome, um velho produto do ouro e da riqueza.
- PRESIDENTE: Perfeito, Valdir. As estatísticas de Bolocochistão comprovam: comparado com a fome e com a guerra, o câncer mata menos que a gripe.
- VALDIR: Agora, Presidente, quero lhe entregar o segredo do CRI-H. Transfiro todos os meus direitos de descoberta para o meu País. Quero que Bolocochistão guarde, defenda, distribua e consuma antes de qualquer outro povo as vantagens do CRI-H. A fórmula do CRI-H é de Bolocochistão.
- PRESIDENTE: Belíssima surpresa. Bolocochistão agradece.
- VALDIR: Neide, vá no laboratório e traga a pasta vermelha onde guardo o segredo do CRI-H.
(CHARANGA TOCA O TEMA DO SUSPENSE. A CENA SE PARALIZA POR ALGUNS SEGUNDOS)

- PRESIDENTE: Devíamos ter tomado medidas extraordinárias de segurança. Devíamos ter imaginado a reação das forças do ódio. Vejo agora quantos foram atingidos pelo CRI-H. Os amantes da fortuna, os reis da exploração devem ter soltado seus espiões internacionais em busca da fórmula. Darei imediatamente um alarma nacional. Recuperaremos o CRI-H, custe o que custar.
- VALDIR: Imagine a minha situação, Presidente. Depois de anunciada a descoberta, acontece uma coisa dessas. Vão me chamar de trapaceiro e ganancioso. Dirão que quero me aproveitar da situação para tirar alguma vantagem e que, por isso, simulei o roubo.
- PRESIDENTE: Dessas infâmias, nem você, nem Bololochistão escaparão. Dirão que o meu governo está a serviço dos reis da exploração e dos fomentadores de guerra e que por isso escondemos o CRI-H.
- NEIDE: Dirão até que o CRI-H, nunca existiu, que foi tudo publicidade...
- VALDIR: Digam o que disserem, a verdade está aí. As Universidades já testaram e já aprovaram.
- PRESIDENTE: Você não seria capaz de escrever tudo de novo, de memória?
- VALDIR: Tentarei.
- NEIDE: Tente lembrar-se que eu vou escrevendo.
- VALDIR: Dois "x" mais "y" sobre três mil quatrocentos e cinquenta e seis vezes "x" menos raiz quadrada de setenta e seis menos... não, não. Começemos de novo. Dois "x" mais "y" sobre três mil quatrocentos e cinquenta e seis vezes raiz quadrada de oitenta e seis menos dois "y" sobre "x" ao cubo... não é assim. Terrível. A fórmula da incógnita.
- PRESIDENTE: Acalme-se. Haverá de lembrar-se. Quer um copo d'água para se acalmar?

VALDIR: Não precisa. Vamos de novo. Dois "x" mais "y" sobre três mil quatrocentos e cinquenta e seis vezes raiz quadrada de oitenta e seis menos dois "y" sobre "x" ao cubo mais o quadrado de "y"... é isso. E agora, o que vem mais? Não, não consigo lembrar ...

PRESIDENTE: Você precisa de calma, silêncio e solidão. Tenho certeza de que se lembrará. Vou mobilizar imediatamente o País para recuperar a fórmula do CRI-H. Comunicarei ao povo, pela TV, o roubo e informarei que a fórmula já pertence ao Governo de Bololochistão e, portanto, o roubo é contra o nosso País. (SAI)

VALDIR: (INDIFERENTE, TENTANDO RECORDAR A FÓRMULA)
Vamos ver se acerto a receita final para obtenção do produto. Escreva: oito gramas e meia de suco mercurial, duas gramas de bicarbonato de sódio, doze gramas de hidrocarbureto, coloca-se tudo no fogo numa temperatura de 120 graus constantes... não. Não é bem assim. Não consigo de forma nenhuma. Estou perdido.

NEIDE: Consolô-se, amor. Quem mandou você ir inventar logo o CRI-H, uma fórmula que acaba com a exploração e a fome. Viu o que disse o Presidente? Muitas pessoas devem ter pensado que o CRI-H vai arruiná-las e tratou de organizar o roubo.

VALDIR: Maldição. Eu não consigo me lembrar...

ANUNCIADOR: Está lá fora um homem que quer falar com o cientista Valdir.

NEIDE: Valdir não recebe visitas.

ANUNCIADOR: Mas, o homem diz que tem notícias quentes e urgentes sobre o roubo do CRI-H.

VALDIR: Diz que sabe de coisas sobre o roubo? Mande entrar.

(DIABO ENTRA DE PALETÓ E GRAVATA, BEM DISFARÇADO, MAS, COM O RABO DE FORA. À SUA ENTRADA, CANTA-SE RAPIDAMENTE SUA CANÇÃO)

CHARANGA E CORO

Salve Mestre Lu, grande Diabo
 Senhor de muitos nomes
 Dono de muitas artes
 Lúçifer, Satanás, Exu
 Salve Mestre Lu, grande Diabo

DIABO: Salve, grande cientista. Sou um colega.
 Também me dedico à ciência, embora noutra ramo.

VALDIR: O senhor afirma que sabe novidades sobre o roubo da
 minha descoberta?

DIABO: Perfeitamente. Por isso vim procurá-lo.

VALDIR: Então, o que está esperando para dizer tudo que sabe?
 Quem roubou a fórmula do CRI-H?

DIABO: Quem roubou, não sei. Sou cientista e não polícia.
 Mas, sobre o que o senhor deve fazer para recuperá-la,
 talvez possa auxiliá-lo.

VALDIR:

Que devo fazer?

Teatro de Arena
 Av. Borges de Medeiros, 835
 Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

DIABO:

Algumas correções. Por exemplo: retirar da fórmula do
 CRI-H, algumas propriedades inaceitáveis, que incomo-
 dam importantes setores da nossa sociedade.

VALDIR:

Não compreendo. A fórmula não pode causar incômodos.
 Ela não faz mal a ninguém. Muito pelo contrário, com
 a aplicação do CRI-H será absolutamente impossível fa-
 zer o mal.

DIABO:

Por isso mesmo é que há reclamações.

VALDIR:

Com essa conversa mole, o senhor está procurando ser
 claro: quer dizer que foram as forças do mal que rou-
 baram e querem que eu modifique o CRI-H para continua-
 rem a fazer misérias. Se eu modifico o CRI-H, eles
 devolvem. Se não modifico, eles ficam com ela, possi-
 velmente a destruição. Entendi bem?

DIABO:

Mais ou menos. Aliás, perfeitamente. Isso mesmo.

VALDIR: Isso eu não faço.

DIABO: Se eu fosse o caro colega, aceitaria a minha sugestão. Caso contrário, não terá a fórmula de volta nem tempo de refazê-la através de novas pesquisas.

VALDIR: Ninguém me impedirá de refazê-la através de novas pesquisas. Sou livre no meu laboratório. Quem me impedirá?

DIABO: Seus adversários. Aliás, os adversários do CRI-H são bastante poderosos.

VALDIR: Antes, terão de me matar.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

DIABO: Matarão.

VALDIR: O senhor me assusta. Finalmente, quem é o senhor?

DIABO: Um colega, um cientista, embora de outro ramo. Não estou querendo assustá-lo, muito menos apavorá-lo. Estou apenas aconselhando-o. Talvez, quem sabe, eu também possa servir de intermediário entre o senhor e o ladrão.

VALDIR: Na sua opinião, que coisas exatamente devo modificar na fórmula do CRI-H para atender às exigências do ladrão?

DIABO: Pouca coisa. Aliás, uma só. Não, minto, duas. Duas coisas. Uma: é preciso continuar o segredo da fortuna. A outra: é preciso que haja fome. Sem fortuna e sem fome, como pode haver o ódio?

VALDIR: E o senhor acha o ódio fundamental?

DIABO: Longe de mim. Quero apenas que haja paz social, equilíbrio, prêmio para o que mais e melhor trabalharem e, naturalmente, castigo para os que não fizeram jus à fortuna. Desejo, apenas, que o sistema do mérito permaneça, defendendo a competição, o lucro para o mais capaz, a fortuna para o mais sagaz.

- VALDIR: Volte e diga aos seus amigos ladrões que não retiro as propriedades pacifistas e humanas do CRI-H. Prefiro perder a fórmula.
- DIABO: E talvez a vida.
- VALDIR: Perfeitamente. Topo a parada.
- DIABO: Mas, caro colega...
- VALDIR: Não me chame de colega. Sou um cientista e o senhor, pelas suas idéias, é um vigarista.
- DIABO: Dão-me adjetivos menos pesados nos meios políticos e econômicos.
- VALDIR: Pouco me importa se o senhor é um canalha de boa reputação. Retire-se. Saia logo, antes que lhe quebre a cara. Saia.
- DIABO: Peço-lhe um minuto final de atenção. Antes de ir embora, faço-lhe uma última proposta. Eu roubei a fórmula, eu tenho a sua fórmula. Minha intenção era devolvê-la, se o senhor fizesse as modificações que exijo. Mas, o senhor foi cabeçudo demais. Em todo caso, para evitar maiores confusões, proponho-lhe que disputemos o destino da sua fórmula. Um jogo limpo. Uma disputa digna.
- VALDIR: Como vamos disputar?
- DIABO: Uma prova de astúcia e imaginação. Faço-lhe um desafio. Se o colega ganhar, devolvo-lhe a fórmula imediatamente. Se o colega perder, faz-me o obséquio de atender às minhas reivindicações, isto é, tira da fórmula os dispositivos que acabam com a fome e a fortuna. OK?
- VALDIR: Um jogo de azar.
- DIABO: Quem não arrisca não petisca. Insista, não desista.
- VALDIR: O senhor é um monstro, mas, informa-me de coisas razoáveis. Compreendo agora a enrascada em que me meti. Re-

almente, essa fórmula CRI-H é uma compra-encrenca das grandes. Incomoda demais. Imagine, quebra o esquema fortuna-fome. Os gangsters da economia e da política em todo os níveis devem estar em pânico.

- DIABO: O senhor sabe como fica uma pessoa desesperada. Imagine, agora, o desespero de uma porção de pessoas poderosas e eu até diria, super-poderosas...
- VALDIR: E odiosas.
- DIABO: Ótimo. Já estamos entendidos. Aceita o desafio?
- VALDIR: Aceito.
- NEIDE: Não faça isso, Valdir. Veja o que vai fazer. Isso é um jogo perigoso.
- DIABO: Não há outra chance dele recuperar a fórmula do CRI-H.
- NEIDE: Se perder, Valdir, você sacrificará a parte mais importante da sua descoberta. E morrerá de vergonha.
- VALDIR: Se não aceitar, minha filha, o desafio, nem arrisco a ganhar. Perco, simplesmente. Matam-me certamente. Vou jogar. Isso é um jogo.
- DIABO: Realmente, há o enorme prazer do jogo. Ele está corretíssimo, minha senhora. Seu marido é um gênio, realmente. Mas, não percamos tempo. Estamos combinados?
- VALDIR: Perfeitamente.
- (O ANUNCIADOR TRAZ UM COPO DE REFRESCO E ENTREGA AO DIABO. A CHARANGA EXECUTA UM FUNDO MUSICAL)
- DIABO: Então comecemos. Isto é um copo de refresco.
- VALDIR: Perfeitamente.
- DIABO: (EMBORCA O COPO SOBRE O PIRES, SEM DERRAMAR UMA GOTTA, MANTENDO-O ASSIM GRAÇAS À PRESSÃO)

Atenção para o meu desafio: o senhor tem que beber es se copo de refresco usando apenas a mão direita. Não pode usar a esquerda em hipótese nenhuma. Entendido?

VALDIR: Com uma mão só? Mas, como irei desemborcar o copo?

DIABO: Não interessa o que o senhor vai fazer. Se vai desemborcar ou tomar o refresco no copo assim emborcado. O desafio é o seguinte: o caro colega deve tomar o refresco usando apenas a mão direita. Como vai fazer não interessa. Se o copo está emborcado, não interessa.

(O DIABO PASSA A VALDIR O COPO DE REFRESCO EMBORCADO NO PIRES. VALDIR RECEBE COM A MÃO ESQUERDA E COMEÇA A FAZER TENTATIVAS, MIL TREJEITOS)

VALDIR: Não dá. Está claro que não dá.

DIABO: Aviso: se derramar ou deixar cair, também perde a aposta.

VALDIR: É impossível. Não consigo.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

DIABO: Já vai desistir? Não desista, insista. Vamos, faça mais uma tentativa.

VALDIR: Não, não dá. Desisto. Agora, o senhor terá que fazer o que não consegui: vai tomar esse copo de refresco usando apenas a mão direita. Provarei que seu desafio é absurdo.

DIABO: Perfeitamente. Vou mostrar que o meu desafio nada tem de absurdo. Basta um pouco de jeito e inteligência.

(O DIABO RECEBE COM A MÃO DIREITA O PIRES COM O COPO EMBORCADO. APRESENTA-O AO PÚBLICO. EM SEGUIDA, BAIXA A CABEÇA E FAZ PRESSÃO SOBRE A TESTA COM O FUNDO DO COPO, LEVANTANDO RAPIDAMENTE A CABEÇA. NO MOVIMENTO, O COPO VOLTA À POSIÇÃO NORMAL, COM PIRES POR CIMA, EQUILIBRADO NA TESTA DO DIABO. EQUILIBRANDO O COPO NA TESTA, O DIABO RETIRA O PIRES COM A MÃO DIREITA, ENTREGANDO-O AO ANUNCIADOR, QUE SE APROXIMA POR TRÁS. COM

A MESMA MÃO, RETIRA O COPO DA TESTA E COLOCA-O SOBRE UMA MESINHA. E SE ADIANTA, INCLINANDO-SE, PARA RECEBER APLAUSOS PELA FAÇANHA. MAS, ENQUANTO O DIABO RECOLHE APLAUSOS, VALDIR SE APROXIMA RAPIDAMENTE DO COPO DE REFRESCO, MOSTRA AO PÚBLICO A MÃO DIREITA, SEGURA COM ELA O COPO DE REFRESCO E TOMA-O SOFRÉGAMENTE DE UMA SÓ VEZ. A CHARANGA REPETE OS ACORDES DOS MOMENTOS DE EMOÇÃO. O DIABO, PERPLEXO, NÃO PERCEBE O QUE ESTÁ ACONTECENDO. AINDA EXIBINDO NA MÃO DIREITA O COPO VAZIO, VALDIR TOCA COM A OUTRA MÃO O OMBRO DO DIABO)

VALDIR: O desafio era beber o copo de refresco com a mão direita, sem usar a esquerda. Pois bebi o copo de refresco com a mão direita, sem usar a esquerda.

DIABO: Como? Assim não pode. Não vale. Foi trapaça. Trapaça. Eu fiz tudo. Você só fez beber.

VALDIR: Nada disso..Bebi o refresco pegando no condão. condão não dá. Todos viram. Ganhei! Devolva-me a fórmula lá da CRI-H.

DIABO: Jamais. Jamais. O colega é muito sabido. Na verdade, pensando bem, ganhou a aposta. Me passou para trás. Guerra é guerra. Mas, não devolvo a fórmula do CRI-H. A fortuna e a fome, a poluição e o câncer não desaparecerão da terra. Abaixo a fórmula do CRI-H.

VALDIR: (SEGURANDO O DIABO PELA CAMISA)
Nada disso. Jogo é jogo. Ganhei e quero a minha fórmula.

DIABO: Largue-me, largue-me. Isso já é agressão

VALDIR: Ladrão canalha, vai ver o que é bom. Devolva-me a fórmula, seu chantagista. Cínico, vigarista.

DIABO: Solte-me, solte-me. Vamos conversar, colega.

(NOVAMENTE SE APAGAM AS LUZES DO PALCO. DESPRENDE-SE O TRAPÉZIO, TRAZENDO O HOMEM DE BRANCO)

- HOMEM DE BRANCO: Cadê você, Diabo? Cadê suas forças extraordinárias, sua sabedoria? Você é ou não é o 15º arcanjo do Livro dos Ciganos?
- VALDIR: Arcanjo coisa nenhuma, ele não é mais que um porco.
- HOMEM DE BRANCO: Eu sei que não é. Ele sabe que não é mas, espalha vantagens, só para atemorizar os bestas.
- DIABO: Largue-me, largue-me. Já estou com falta de ar.
- HOMEM DE BRANCO: (ACENANDO PARA VALDIR COM O PAPEL CHEIO DE FÓRMULAS QUE O DIABO HAVIA ROUBADO)
Solte esse infeliz, cientista Valdir. Não perca tempo com ele. Sua fórmula secreta está aqui. É sua. Descobri-a no esconderijo do Diabo e vinha pra cá lhe entregar, quando vi que estavam fazendo uma aposta. Fiquei esperando o resultado, só pra me divertir com a cara do Diabo perdedor.
- VALDIR: Ele mesmo propôs o jogo e não se conforma com a derrota.
- DIABO: Viu a sabedoria dele? Ganhou fazendo trapaça. Se fosse eu que tivesse feito o que ele fez, todo mundo ia dizer que era golpe baixo do Diabo...
- HOMEM DE BRANCO: O que ele fez tá certo. Com a violência e a exploração o negócio é jogar do jeito que dê pra ganhar. Vale tudo. Vale até jogar sujo. Então, quem inventou a fórmula? Não foi o cientista? Você roubou e ainda queria negociar o roubo? Tenha vergonha, Diabo. O tempo do conformismo já passou. Agora, o homem que tem juízo, o mais que faz é fingir que se conforma, pra esperar a hora de dar um bote mais seguro...
- VALDIR: Se o pessoal da terra aprender essa teoria, o que será do Diabo?
- HOMEM DE BRANCO: Sei lá. O Diabo que vá pro inferno.

VALDIR: Contra o Diabo, os mesmos golpes, armas e artes do Diabo.

HOMEM DE BRANCO: E assim será sempre e cada vez mais.

(O HOMEM DE BRANCO JOGA OS PAPÉIS PARA VALDIR. PROJEÇÕES DA FÓRMULA DO CRI-H. EM BACK-GROUND A CANÇÃO DA BRILHANTE INVENÇÃO)

VALDIR: Salvo o CRI-H. Salvo o CRI-H. Agora, a paz e a extinção da morte.

HOMEM DE BRANCO: Belíssimo.

DIABO: Perdi mais uma. Não é possível.

HOMEM DE BRANCO: Diabo, já viu o placar: dois a zero contra você. Mestre Lu, você vai mal. (PORROTE)

DIABO: Voltarei. Aguardem a reação. Voltarei.

HOMEM DE BRANCO: (FAZENDO O DIABO CONTORCER-SE À MEDIDA QUE LHE APRESENTA UMA ENORME FIGA)
Você volta, Diabo, agora, é pro inferno. Chô, chô, malvado. Vai-te infeliz. O que é homem o Diabo não come.

(A CHARANGA REPETE OS ACORDES DOS MOMENTOS CULMINANTES. VALDIR E NEIDE CURVAM-SE AOS APLAUSOS, APONTANDO-SE MUTUAMENTE. E SAEM AOS SALTINHOS DE BALÉ, COMO OS ACROBATAS DO CIRCO)

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Telefone: 226.0242 - C.F.P. 90020-02.5

TERCEIRO EPISÓDIO

(MÚSICA DE PERCUSSÃO. UM BAILE; OS EMPREGADOS DO CIRCO MONTAM UMA ARENA DE CIRCO, IGUAL ÀS USADAS PARA EXIBIÇÃO DE FERAS. DENTRO, HÃ BANCOS, ESCADAS, GANGORRAS, ANDAIMES. PARA SIMPLIFICAR, PODE-SE ARMAR APENAS UM SEMICÍRCULO DE GRADES, USANDO-SE A CORTINA DO PALCO COMO TAPUME DE FUNDO. A MONTAGEM DEVE TER A ANIMAÇÃO DE UMA COREOGRAFIA CÔMICA)

ANUNCIADOR:

Distintíssimo público, o Circo e Teatro Fekete prossegue o sen-sa-ci-o-nal espetáculo desta noite. Agora, com vocês, o terceiro episódio de (ACORDE) "O Homem que enganou o Diabo (ACORDE) ... e ainda pediu troco".

(ATRAVÉS DA CORTINA E DIRETAMENTE NA JAULA, CORRENDO COMO AS FERAS E LOGO INICIANDO SUBIDAS E DESCIDAS NOS BANCOS, GANGORRAS E PRATICÁVEIS QUE ESTÃO DENTRO DA JAULA, SURGEM UMA SÉRIE DE CURIOSOS PERSONAGENS:

- 1 - HOMEM DE PRETO COM ENORME PASTA (UM MISTO DE CAMELÔ, PROPAGANDISTA DE REMÉDIOS, CAIXEIRO VIAJANTE, RELAÇÕES PÚBLICAS OFICIAL);
- 2 - MULHER DE BIQUINI FAZENDO POSES (CABELOS OXIGENADOS, EXCESSIVAMENTE PINTADA, CORPO TATUADO, SEGURANDO UM ESTRANHO VIDRO DE FORMAS CURIOSA);
- 3 - FOTÓGRAFO COM MIL MÁQUINAS (FOTOGRAFANDO A MULHER DE MIL FORMAS DIFERENTES);
- 4 - UM VENDEDOR DE SORVETES COM SEU CARRINHO (COM GUARDA-SOL ARMADO E UMA SINETA);
- 5 - UM LOCUTOR DE SMOKING (COM MEGAFONE);
- 6 - UM HOMEM COM O ROSTO DENTRO DE UMA MOLDURA (UM "OUT-DOOR" VIVO)

ENQUANTO SE MOVIMENTAM DENTRO DA JAULA, ESSES PERSONAGENS CANTAM, COM A CHARANGA E O CORO, A "CANÇÃO DO CONSUMO". NO MEIO DA CANÇÃO ENTRA O DIABO)

CANÇÃO DO CONSUMO

Compre, use, gaste, esfregue
Mude, repita, ouça, cheire

Tralala-la-la, tralala-la-la
Tralala-la-la, tralala-la-la

Cante, apite, badale, pare
 Puxe, coma, durma, morra

Tralala-la-la, tralala-la-la
 Tralala-la-la, tralala-la-la

Ligue, desligue, olhe, lembre
 Esqueça, vire, respire, sofra

Tralala-la-la, tralala-la-la
 Tralala-la-la, tralala-la-la

DIABO:

Esta é a feira do progresso, do conforto e da moda. Venham ver o que é bom, experimentar o que é fino. O som, o odor, o sabor. Tudo moderninho, quentinho, geladinho, conforme o gosto. Venham todos ver o que é moderno. Venham todos.

(OS PERSONAGENS DA JAULA REPETEM A CANÇÃO, QUE O DIABO REGE COM UM TRIDENTE)

DIABO:

Muito bem. Muito bem, be-ren.ren.bem-bem. Está perfeito o nosso trabalho. Agora é só esperar que venham os bestas. Maravilhosos. Sensacional. Belíssimo. Ah, já ia esquecendo. O alçapão. Arme mos o alçapão.

(UM EMPREGADO DO CIRCO TRAZ UMA TÁBUA E UMA CORDA, QUE O DIABO AMARRA NA PORTA. AO SE PISAR NA TÁBUA, A PORTA FECHA. O DIABO ENSAIA COM O EMPREGADO DO CIRCO. O COITADO FICA PRESO LÁ DENTRO, AGONIADO, PEDINDO PRA SAIR. OPORTUNIDADE PARA UMA GROTESCA PANTOMIMICAL).

DIABO:

Perfeito. Temos as iscas - que ótimas iscas - e o alçapão. Desta vez, ganho. Ganho e levo. Até hoje, a propaganda não perdeu uma só parada. Temos produtos ma-ra-vi-lho-sos e apelos ex-tra-or-di-ná-ri-os. Agora, ele cai. Quem não cai? Atenção, pessoal, um, dois, três, já.

ENJAULADOS:

(EM CORO)

Venham, venham, venham ver, como é bom viver.

DIABO: E o que é que é bom?

ENJAULADOS: O bom.

DIABO: Bombom? E o que mais?

ENJAULADOS: Bombom recheado.

DIABO: Gelado?

ENJAULADOS: Adocicado.

DIABO: Que refrescante!

ENJAULADOS: Alimenta e educa.

DIABO: E engana.

ENJAULADOS: Mata e alegre.

DIABO: E enterra.

ENJAULADOS: Venham, venham, venham ver, como é bom viver.

DIABO: Venham. Venham. Cada um paga o que tem.

ENJAULADOS: Quem tem?

DIABO: Quem tem, tem. E quem não tem?

ENJAULADOS: Não tem.

DIABO: Mas, quem tem vem. Venha quem tem. Venha quem tem.

ENJAULADOS:
 Você aí, quanto tem?
 Você ali, quanto tem?
 Você que vem, quanto tem?
 Você que não tem, nem venha.
 Qua-qua-qua. Qua-qua-qua.

DIABO: Qua. Qua-qua.

Teatro de Arena
 Av. Borges de Medeiros, 835
 Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

(SÚBITO SILÊNCIO. CHARANGA TOCA ACORDE DOS MOMENTOS DECISIVOS)

DIABO:

Tudo bem, berenbembem. Mas, cadê o homem? Cadê o tal Valdir metido a enganador? (IMITANDO VOZ DE MULHER) Vallllllllllllllllllllllllllllllllllllldir. Valdirziiiiidinho. Quero pegã-lo. Hoje, ele há de cair. Todo mundo cai, por que ele também não cai? Hoje ele cai. Meu alçapão vai funcionar. Vai comprar o que não precisa, gostar do que não gosta, enjoar o que tem maior amor, comer o que não tem sabor, achar o azedo doce (CARETA). Vai se desmoralizar. Vallllllllllllllllllllllllllldir. Vem cá.

ENJAULADOS:

Vallllllllllllllllllllllllllllllllllllldir.

DIABO:

Vamos chamar a mulher dele. Ele é ciumento e apaixonado, vai ficar uma fera e dar as caras. Neide. Neide. Deidinha. Neidinha.

ENJAULADOS:

Neiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiidinha.

DIABO:

Neidinha, bonitinha, engraçadinha, formosinha, minha filhinha.

ENJAULADOS:

Neiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiidinha.

DIABO:

Onde se meteu esse homem danado, metido a enganador? Por que não vem? Ele tem que aparecer. Vai ter que cair no meu show de propaganda. E vai se desmoralizar. Ninguém resiste. Quem já resistiu? Ninguém. E quando o freguês resiste, quando cai, é muito pior. Rebenta-se todo. Nenhum homem é o mesmo depois que se entrega ao nosso show. (REGE O CORO DOS ENJAULADOS)

Compre, use, gaste, esfregue
Mude, repita, ouça, cheire.

ENJAULADOS:

Tralala-la-la, tralala-la-la
Tralala-la-la, tralala-la-la

DIABO: Apareça, Valdir. Se tiver coragem, venha. Você não é o sabido e o enganador? Venha com sua coragem. Onde está a sua astúcia? Venha enfrentar a propaganda. E traga sua doce e pura mulherzinha, que ela vai ser nossa fiel cúmplice. Venha ver a sua Neiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiinha tornar-se uma reles traidora.

ENJAULADOS: Vallllllllllllllllllllllllllllldiiiiiiiiiiiiiiiiir.
Neiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiidiiiiiiiiiiiiiiiiinha.

(NOVAMENTE A ESCURIDÃO. PERCUSSÃO. SPOT SOBRE O HOMEM DE BRANCO, QUE VOLTA A APARECER, BALANÇANDO-SE NO SEU TRAPÉZIO)

DIABO: Maldição. Eu quero Vallllllllllldir.

HOMEM DE BRANCO: Calma, Diabo. Calma, Diabo, você não está vendo que o homem não vem.

DIABO: Não vem, por que? Ele não pode fugir do jogo. Começou, tem que acabar.

HOMEM DE BRANCO: E quem disse que ele fugiu do jogo?

DIABO: Estou há meia hora esperando por ele, com tudo preparado e ele, nada.

HOMEM DE BRANCO: Eu acho que ele não fugiu. Ele, apenas, se escondeu. Ou você pensa que o Valdir é besta?

DIABO: Ele é um covarde. Não teve coragem de enfrentar o meu show. Ele é covarde. Ele fugiu.

HOMEM DE BRANCO: Sabido, é o que ele é.

DIABO: Mas, ele não veio. Não apareceu, perdeu.

HOMEM DE BRANCO: Ele fez muito bem não aparecer. Diabo, você pensa que o Valdir não sabe das coisas? Então, você bota mulher nua, cartazes, músicas, vendedores de boa lábia, arma um alçapão e ainda chama isso de desafio? Isso que você preparou foi uma agressão, Diabo velho.

- DIABO: Ofereço belas vozes, lindo colorido, comidas gostosas, drogas cheirosas. Ofereço os melhores produtos, os melhores preços.
- HOMEM DE BRANCO: Sua generosidade é muito grande, mas, só bestas ou desavisados caem por gosto na lãbia da propaganda.
- DIABO: Então, Valdir perdeu. Fugiu, perdeu.
- HOMEM DE BRANCO: Se escondeu, ganhou.
- DIABO: Fugiu, perdeu.
- HOMEM DE BRANCO: Não, Diabo. Tem hora em que a vitória é de quem se esconde, ou de quem corre primeiro. Você não sabe que esconder-se é também um jeito muito honesto de vencer? Agora, me diga uma coisa: você sabe outro meio de resistir à propaganda, a não ser bancando o cego, surdo e mudo?
- DIABO: Mas, e o cheiro? E o odor? E o tato?
- HOMEM DE BRANCO: Você tem razão, Diabo. Não adianta nem ficar cego, surdo e mudo. É preciso também não ter nenhum outro sentido funcionando. É preciso não cheirar, não ter tato, perder toda a sensibilidade ao frio e ao calor, ao golpe e à carícia.
- DIABO: Então, a covardia agora é virtude?
- HOMEM DE BRANCO: Do mesmo jeito que muito heroísmo muitas vezes é asneira. Que adianta bancar o machão, topar paradas absurdas e, em seguida, morrer e perder tudo?
- DIABO: Essa é a Lei do Inferno. Pra o Diabo é que o importante é ganhar. Os homens sempre cultivaram a valentia e o heroísmo.
- HOMEM DE BRANCO: Cala a boca, Diabo enganador. Eu até desconfio de que foi você quem inventou as virtudes heróicas dos homens. Elas bem que o ajudam a ter vi-

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

tórias mais fáceis. O pobre do homem quer ser he-
rói, luta com armas e argumentos limpos e você
ganha fácil com um só golpe baixo.

DIABO: (COLOCANDO-SE NO MEIO DO PALCO E LEVANTANDO O
BRAÇO)
Não importa nada disso. Quero ser aclamado vence-
dor.

HOMEM DE BRANCO: (APRESENTANDO A CRUZ E FAZENDO O DIABO CONTORCER
SE)
Você foi o perdedor.

DIABO: Essa não. Injustiça. Não me conformo.

HOMEM DE BRANCO: Você fez seu show de propaganda, armou seu alça-
pão e não pegou ninguém.

DIABO: Essa não. Não me conformo.

HOMEM DE BRANCO: Vitória de Valdir.

DIABO: Não, não, não.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone 226.8242 - CEP 90020-025

HOMEM DE BRANCO: Quanto está mesmo a partida?

ANUNCIADOR: Três a zero.

HOMEM DE BRANCO: Vitória de Valdir pela astúcia da ausência. A-
prenda mais essa, Diabo: só entra em jaula, fera
ou domador. Palmas para Valdir, que é bom ganha-
dor. Apareça, Valdir, você foi o vencedor.

(DE MÃOS DADAS, SURGEM EM CENA VALDIR E NEIDE. O
HOMEM DE BRANCO COMEÇA A APLAUDÍ-LOS. A CHARAN-
GA TOCA OS ACORDES DOS MOMENTOS CULMINANTES. OS
EMPREGADOS DO CIRCO COMEÇAM A DESARMAR A JAULA,
DE ONDE JÁ SAIRAM OS ENJAULADOS)

HOMEM DE BRANCO: Essa foi boa, gostei Valdir. Se boi tivesse juí-
zo e astúcia não ia ao matadouro.

(O HOMEM DE BRANCO VOLTA COM SEU TRAPÉZIO AO
FUNDO DO PALCO. VALDIR E NEIDE O APLAUDEM)

QUARTO EPISÓDIO

(BATUCADA. UMA ESCOLA DE SAMBA IRROMPE NO PALCO. TODOS OS PERSONAGENS DO ESPETÁCULO - EMPREGADOS DO CIRCO, FIGURANTES, ATORES - CANTAM, DANÇAM E FAZEM EVOLUÇÕES, COMO NUM DESFILE DE CARNAVAL. COM A CHARANGA E O CORO CANTAM O "SAMBA DA BAJULAÇÃO AO PROPRIETÁRIO)

SAMBA DE BAJULAÇÃO AO PROPRIETÁRIO

Louvor, todo louvor
 e mais a glória
 desse personagem
 que entrou pra história.
 Louvor, todo louvor
 à benemerência
 do ousado senhor
 que explora
 nossa indigência.
 Cantamos, ao cantarmos
 neste carnaval
 a continuação
 da nossa situação.
 Da senzala à favela,
 do grilhão à miséria
 do senhor ao patrão
 a mesma escravidão.
 Louvor, todo louvor
 ao proprietário
 empulhador
 da ignorância geral.
 Louvor, todo louvor
 e mais a bajulação
 deste samba puro
 ao explorador.
 Salve Mestre Lu,
 grande diabo,
 a quem devemos
 o viver apressado
 o morrer antecipado
 taxa de iluminação

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

lata d'água a tostão
e toda opressão
dessa situação.

(AO FIM DO SAMBA, PARADA BRUSCA DA BATERIA. A PORTA-BANDEIRA E O MESTRE-SALA DEVEM ESTAR EXATAMENTE NO MEIO DO PALCO E SE ADIANTAM. O MESTRE-SALA - QUE É O ANUNCIADOR DO CIRCO - DESFRALDA A BANDEIRA ONDE ESTÁ ESCRITO: "EPISÓDIO Nº 4")

ANUNCIADOR:

E agora, senhores e senhoras, continua o espetáculo. "O Homem que enganou o diabo (SILVO DE APITO DO CHEFE DA BATERIA)... e ainda pediu troco". (OUTRO SILVO) Episódio nº 4.

(VOLTA A BATUCADA E O SAMBA DE BAJULAÇÃO AO PROPRIETÁRIO. AO MESMO TEMPO, ENTRA EM CENA UMA CÂMERA DE TV, COM SEU CÂMERA-MAN, UM AJUDANTE CARREGANDO UM "PAU DE LUZ" CRUZ DE MADEIRA COM SPOTS ACÊSOS - E UM LOCUTOR FALA. SLIDES COM IMAGENS CORRESPONDENTES SURGEM NUMA TELA)

LOCUTOR:

TV Verdade, canal 18, ao vivo, diretamente da Favela mostrando aspectos da vida desse povo pobre e alegre. Estamos em plena favela. Como vêm, os favelados moram em barracões, habitações, de madeira, quase inteiramente feitas com tábuas de caixotes, aliás, são verdadeiros caixotes, pequenos, cobertos com folhas de zinco. As pobres famílias vivem numa promiscuidade absoluta: comem, dormem, trocam de roupa, fazem necessidades num único compartimento. Porém, no entanto, apesar de tudo isso, que maravilha! Um povo alegre, sentimental, inspirado habita a Favela. Aqui está um favelado típico. Compositor, sambista de primeira. Waldir Sabe Ler. Meu caro, por que esse apelido Waldir Sabe Ler?

WALDIR:

Ora essa, Waldir é o meu nome. Sabe Ler, porque eu sei ler, sou alfabetizado.

LOCUTOR:

Mas, se o senhor é alfabetizado, Sabe Ler, por que mora aqui? Isso me parece lugar pra gente

sem instrução, sem capacidade para ocupar bons empregos. Se o senhor sabe ler...

WALDIR: Sei ler e daí? Isso não significa nada. É o mesmo que um paralítico que ouve, sente as coisas mas não anda. Está entrevado, não pode agir.

LOCUTOR: Mas, o senhor pode agir. O senhor é um homem vlido. O senhor pode muito.

WALDIR: Pode? Pois então lá vai mecha. A televisão está no ar?

LOCUTOR: TV-Verdade, canal 18, diretamente da favela pra todo País, via Embratel, entrevistando um favelado, o compositor Waldir Sabe Ler. Fala.

WALDIR: Quero pedir providências às autoridades para os abusos que um homem que se diz dono desse morro vem cometendo contra os favelados.

LOCUTOR: Que abusos são esses?

WALDIR: Ele cobra aluguel pelo terreno dos barracos e fica com os barracos quando a pessoa se muda. Ora, o cara constrói o seu caixote, por que não pode levar as tábuas? Segundo: esse tal proprietário, conhecido como Mestre Lu, vive cercado de capangas e vive ameaçando, surrando e matando sem piedade. Terceiro: ele também é dono das biroscas, esse botequins sujos, que vendem cachaça fiado e feijão só à vista. Sabe como é, né? Quando o indivíduo vai comprar feijão e não tem dinheiro, desespera porque vai deixar a família com fome. Pra esquecer, toma pinga. E pinga eles vendem fiado. No fim da semana, bebeu o pouco dinheiro que tinha pra dar de comer a família. Paga a biroscas e faz nova dívida. Nunca termina de pagar. Tá escravizado. Quarto: Mestre Lu, ele vende água. Arranjou uma "bica" com um deputado e botou no cercado dele. Paga ao deputado com os votos do pessoal do morro. Quinto: ele é alcaguete da polícia. Faz um acordo com

os investigadores: a polícia deixa ele em paz com os seus crimes e explorações e ele entrega os favelados que tenham contas com a lei.

LOCUTOR: Mas, desse jeito, a favela contada pelos poetas é um inferno?

WALDIR: Um inferno. E Mestre Lu é o diabo. Os favelados são condenados. Isso aqui é um inferno.

LOCUTOR: Mas, felizmente, há o carnaval. Como diz o poeta, "a ilusão do carnaval". Um momento de sonho. As fantasias caríssimas. Os sambas de enredo louvando reis e princesas. A beleza delirante dos desfiles. Diga-me, Waldir Sabe Ler, o povo da favela sabe ou não sabe distrair a sua pobreza?

WALDIR: O distinto quer fazer graça ou é mesmo ignorante? Quem é que pode distrair tristeza? Experimente distrair uma dor de dente. Ou deixar de morrer com um câncer. A favela fica rindo e bajulando porque é insensível.

LOCUTOR: Naturalmente, trata-se de um pessimista. É uma pena, pois é um grande compositor. Vejam o lindo samba que ele fez para este carnaval. "Samba da Bajulação ao Proprietário", do favelado Waldir Sabe Ler.

(BATUCADA, CANTO, EVOLUÇÕES. SLIDES DE UM DESFILE DE ESCOLA DE SAMBA. DE REPENTE, GRITO ANGSTIADO. SURGE NEIDE)

NEIDE: Socorro, socorro. Querem levar meu filho. Me ajudem, por favor. Está lá no meu barraco o dono da birosca que quer meu filho de dez anos por conta de uma dívida do meu marido. Estão dizendo que vão ficar com ele até meu marido pagar umas cachaças que bebeu fiado.

LOCUTOR: TV-Verdade, canal 18, ao vivo, mostrando um emocionante drama da cidade. A lei implacável da

favela. Comprou, não pagou, levam o filho. Impressionante.

WALDIR:

Impressionante uma ova, seu ignorante. Isso é um crime. Use sua televisão pra alguma coisa, chame a polícia. Ou me dê seu microfone que eu falo. (TOMA O MICROFONE) Alô, alô, autoridades. Elementos fora da lei querem raptar uma criança para forçar o pai a pagar uma dívida. Isso é crime. Ninguém pode ser preso por dívidas. E rapto é crime.

NEIDE:

Venham logo, que eles estão arrombando o meu barraco.

WALDIR:

Esse é mais um crime da favela. Aqui é tudo exploração. Essa história de desfile de escola de samba também é empulhação. São uns exploradores dos favelados que ajeitam tudo, com dinheiro dos bestas, para esconder a verdade. E enquanto as autoridades não aparecem, vamos nós, favelados, botar pra correr os exploradores que querem levar o filho dessa mulher. Todos comigo.

LOCUTOR:

Incrível, estamos vivendo a violência da favela. Ao vivo, senhores telespectadores, via Embratel, para todo País. Agora, homens e mulheres armados de pedaços de pau seguem a mulher. Vão defender o filho da pobre mãe. TV-Verdade, canal 18, ao vivo.

(SURGEM NO PALCO, MESTRE LU E SEUS BANDIDOS, VÊM CORRENDO)

LOCUTOR:

Vai passando diante das câmeras um senhor bem vestido. O senhor é turista?

DIABO:

Não. Sou o proprietário.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

LOCUTOR:

Queremos algumas palavras suas à TV-Verdade, canal 18, para todo País.

- DIABO: Com muito prazer. Mas, quero avisá-lo de que há perigo na Favela. Um indivíduo agitador, verdadeiro louco, um tal Waldir Sabe Ler, está revoltando o morro, protegendo um bêbado e velhaco contra um comerciante honrado e trabalhador. Ele está armado e excita a plebe.
- LOCUTOR: Já entrevistamos Waldir Sabe Ler. Ele disse coisas horríveis do senhor. Fêz denúncias. Chamou as autoridades.
- DIABO: Ele é um insatisfeito. Até que era um rapaz bom, obediente, bom compositor. Mas, foi aprender a ler e se tornou insuportável. É pra isso que servem as escolas. Esses professores botam minhocas na cabeça desses rapazes. Chamava-se Waldir Bem Comportado, passou a se chamar Waldir Sabe Ler. Veja aí a mãe fê. Trocou o sobrenome Bem Comportado pelo apelido Sabe Ler.
- LOCUTOR: Mas, ele fêz acusações ao senhor. A nossa televisão quer a verdade, só a verdade. O senhor é mesmo explorador, marginal, fora da lei, bandido, cínico?
- DIABO: Nada disso. Sou apenas o proprietário.
- LOCUTOR: Quando o senhor comprou essas terras?
- DIABO: Há 10 anos.
- LOCUTOR: Quem vendeu?
- DIABO: Eles mesmo.
- LOCUTOR: Eles mesmo, quem?
- DIABO: Os favelados.
- LOCUTOR: Mas, eles eram dono da favela?
- DIABO: Essas terras (ABRE UM ENORME MAPA) pertenciam

todas a Dom João Choroço, um ricaço, bom, boêmio, que viu essa gente vir chegando do interior fugida da seca e foi deixando eles construírem seus barracos. Como tinha do que viver, e não precisou desse dinheiro, nem cobrava aluguel. Um dia, já muito velho, resolveu fazer seu testamento. Foi num cartório e declarou que deixava a favela para os próprios favelados. Assimou e morreu, anos depois.

LOCUTOR: Belíssima história comovente. Então, a terra é dos favelados?

DIABO: Não. Não é mais. Eles me venderam.

LOCUTOR: Venderam?

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

DIABO: (ÀS GARGALHADAS)

Aliás, esses infelizes nem sabem que venderam. Nem sabiam que eram donos. Não sabem ler nem escrever. Trouxe aqui o tabelião e o curador dos ~~ingnorantes~~ Deixei aos dois uma boa nota, subornei-os convenientemente, e reuní os favelados na quadra da escola de samba. E disse a eles: "Esses dois senhores aqui querem dar um auxílio pra nossa Escola, mas precisam que todos melem o dedo de tinta preta e passem naquele livro". Até os cachorros da favela deixaram o dedo no livro do tabelião. (PROJEÇÃO DE SLIDES DE IMPRESSÕES DIGITAIS) Sem ao menos desconfiarem eles estavam me vendendo a favela que receberam de herança. E fim. Naturalmente, nesse tempo, Waldir Sabe Ler ainda não sabia ler.

LOCUTOR: Incrível. TV-Verdade, canal 18, ao vivo, apresentando o legítimo proprietário da favela. Como vêm, tudo legalizado, ele possui a documentação. Não vamos discutir como. Na verdade, ele foi astuto. Mas, tem os documentos.

DIABO: Perfeito. Pago impostos em dia, estou com as leis, mas exijo ordem e respeito absoluto ao meu direito de propriedade. Quem não estiver satisfeito, que se mude.

- LOCUTOR: Senhor proprietário, o senhor gosta do samba?
- DIABO: Aprecio muito. Aprecio muito. Ajudo e apôio essa pobre gente. Entre eles há autênticos populares. Sou até mesmo Presidente de Honra da Escola de Samba da Favela. Naturalmente, faço tudo isto à distância. Não me envolvo. Eles cheiram mal, bebem muita cachaça. Mas, me pedem conselhos. Gosto muito dos enredos patrióticos. Isso ajuda a propaganda do patriotismo.
- LOCUTOR: Essa é a verdadeira favela. Ordeira, respeitadora, romântica, como no samba canção, nos filmes no carnaval.
- DIABO: Quanto ao mais, mantenho a ordem e o respeito por minha conta. Tenho aqui meus homens. (APONTA OS CAPANGAS, QUE O CERCAM) São meus leões de chácara. Bons na navalha. (OS CAPANGAS TIRAM AS NAVALHAS E SIMULAM CORTES NO AR) Ah, ah, ah, ah. Também bons no tiro. (CAPANGAS SÁCAM OS REVÓLVES E ATIRAM)
- (BATUCADA, GRITOS, CORRERIA. VOLTAM WALDIR, NEI DE E O PESSOAL DA FAVELA)
- WALDIR: Olhe aí, pessoal, Mestre Lu e seus capangas. Pau neles.
- LOCUTOR: Revolta. Estamos transmitindo ao vivo.
- WALDIR: Bota pra correr esse imbecil da televisão. Pau nele, tá dizendo besteira e fazendo a gente de besta.
- DIABO: Vamos ver quem ganha - bala ou paulada.
- (CONFUSÃO. BRIGA. TIROS. O SOM DA BATUCADA. OS HOMENS DO DIABO CONSEGUEM PRENDER WALDIR)
- WALDIR: Isso é só o começo. Vem mais por aí. Mestre Lu, proprietário ladrão.

- LOCUTOR: (TODO RASGADO E ACOVARDADO)
Cortaram os fios da minha televisão.
- WALDIR: Pra você deixar de ser imbecil e bajulador. Vir dizer que a favela é lugar romântico. Romântico é a mãe.
- DIABO: Cala a boca. Vê o ilustre locutor quem é que se opõe a mim e me chama de arbitrário? Um revoltado, um revolucionário, um recalçado, malcriado. Vou mostrar a minha generosidade em homenagem a televisão. Vou soltá-lo. Mas, tem vinte e quatro horas pra arrumar suas coisas, desocupar o barraco e desaparecer. Vou precisar do terreno para fazer obras inadiáveis de saneamento.
- WALDIR: Acho que o senhor está enganado. Pago os aluguéis em dia e tenho meus direitos. Não vou sair.
- DIABO: Direitos tenho eu. Sou proprietário e propriedade é propriedade.
- WALDIR: Vamos por etapas. Não discuto a propriedade. Discuto a lei em vigor. Sou inquilino, tenho direito.
- DIABO: O distinto começa errado. Eu sou o proprietário e eu poderia amanhã despejar a favela inteira. Pedir o terreno limpo para, por exemplo, fazer um campo de futebol.
- WALDIR: Fazer um campo de futebol num morro? Quem já viu campo de futebol numa ladeira?
- DIABO: É minha propriedade e faço dela o que bem quiser e desejar. Poderia simplesmente despejá-los. E todos teriam que ir morar num subúrbio infernal, sujeitos a trem, as lavadeiras distantes um dia de viagem das casas das madames, as costureiras longe das casas das freguesas, os biscateiros longe dos biscates, os meninos longe dos carretos das feiras.

WALDIR: Mas, eu não vou me mudar. Sou inquilino e vou fazer valer meus direitos. Vamos discutir na Justiça.

DIABO: Já disse que é pra sair. Não quer ir por bem? Vai por mal. Capangas: vão no barraco de Waldir Sabe Ler, tirem as coisas dele e joguem lê em baixo. Desocupem o barraco dele.

(OS CAPANGAS SAEM. OS OUTROS FAVELADOS VENDENDO MESTRE LU SEM PROTEÇÃO CAEM EM CIMA DELE. TIRAM LHE O REVOLVER E O AMARRAM DO MESMO JEITO QUE ESTÁ WALDIR, A QUEM LIBERTAM EM SEGUIDA. E SE ESCONDEM)

DIABO: Socorro, socorro. Querem me matar. Capangas.

(TIROS. OS CAPANGAS SURGEM. VÊM O DIABO AMARRADO E ABANDONADO. HESITAM ANTES DE SE APROXIMAREM PARA LIBERTÁ-LO, QUANDO SÃO ATACADOS POR WALDIR E SEUS FAVELADOS QUE OS DESARMAM, E DEPOIS DE SUBJUGÁ-LOS OS AMARRAM COM OS PRÓPRIOS PALETÓS E GRAVATAS. A CHARANGA TOCA OS ACORDES DOS MOMENTOS CULMINANTES. O HOMEM DE BRANCO DESPRENDE-SE DO ALTO BALANÇANDO-SE NO SEU TRAPÉZIO)

HOMEM DE BRANCO: Meu caro Diabo, você não tem mesmo jeito. Sempre na pior.

DIABO: Essa é a primeira vez que estou na pior. Nas outras vezes, estava por cima e fui desclassificado. Eu podia não ter razão, mas, estava com força.

HOMEM DE BRANCO: Mas, desta vez você está sem razão e sem força.

DIABO: Os homens do mundo estão ficando sabidos demais. Se continuar assim e não conseguir mais poderes especiais, desistirei de tentar e desagregar o mundo. Quero mais poderes. Se não, desisto.

- HOMEM DE BRANCO: Essa desistência será bem recebida. Desista, Diabo.
- DIABO: Jamais.
- HOMEM DE BRANCO: Então se prepare para perder sempre e cada vez mais. Pra cada vitória ou calhordice sua, Diabo os homens lhe aprontarão mil derrotas e humilhações.
- DIABO: Veremos. Mas, por ora, soltem-me.
- HOMEM DE BRANCO: Vou ver o que se faz. Waldir, o Diabo quer clemência. O que você diz?
- WALDIR: Pelos crimes que cometeu, deveria ficar preso pelo resto da vida. Mas, pode-se negociar.
- HOMEM DE BRANCO: Muito bem, Waldir. Vamos, Diabo, o que você oferece pela sua liberdade?
- DIABO: Dois milhões para ajudar no desfile da escola de samba no Carnaval.
- WALDIR: É pouco. Aceitamos os dois milhões. E o que mais?
- DIABO: Água e luz de graça.
- WALDIR: Ainda é pouco. Dois milhões, água e luz de graça, e o que mais?
- DIABO: Perdão das dívidas das biroskas.
- WALDIR: É pouco. Dois milhões, água de graça, perdão das dívidas das biroskas e o que mais?
- DIABO: Não tenho mais o que dar.
- HOMEM DE BRANCO: Tem Diabo. As terras da favela que você roubou dos favelados. Eu vi na televisão você contar a história cínica de como ficou dono da favela. Aquilo foi roubo.

Teatro de Arena
 Av. Borges de Medeiros, 835
 Fone: 226.8242 - CEP 90020-025

- DIABO: Mas, é preciso ir no tabelião. É uma papelada enorme e trabalhosa. Certidões, escrituras, mil assinaturas. Não dá. Vamos negociar outra coisa.
- HOMEM DE BRANCO: Negativo. Mestre Lu, você vai deixar de ser proprietário.
- DIABO: Isso é demais. Preço muito alto. Precisei usar de muita sabedoria para ficar com essa favela. Não quero deixar de ser proprietário.
- HOMEM DE BRANCO: (ACENANDO PARA O DIABO E FAZENDO-O CONTORCER-SE) Vamos, Mestre Lu, resolva logo. Que entre o Tabelião.
- TABELIÃO: (DE PRETO, COM ENORME LIVRO, LÊ)
Declaração de Mestre Lu renunciando à propriedade. Declaro para os devidos fins que resolvi devolver aos favelados as terras em que eles moram e que eu adquiri, por roubo, enganando os infelizes que não sabiam ler. Declaro que sou ladrão, usurário, explorador e inimigo público.
- HOMEM DE BRANCO: É pouco. Uma declaração do Diabo deve ser mais escrachado e humilhante.
- TABELIÃO: Que tal acrescentar: "Declaro que sou assassino, covarde, mentiroso, escroque, gangster, agiota, mau caráter".
- HOMEM DE BRANCO: Escreva tudo isso que o Diabo assina. Mas, termine repetindo o começo: "Por essas razões, repito, deixo de ser proprietário da favela e transfiro todos os direitos de propriedade aos favelados, seus verdadeiros donos".
- TABELIÃO: Perfeitamente. Já escrevi. Assine aqui, Mestre Lu.
- DIABO: Assino porque é o jeito, pra me livrar dessa humilhação.
(O DIABO ASSINA, É DESAMARRADO E SAI COM SEUS CAPANGAS)

HOMEM DE BRANCO: Gol de Waldir. Quatro a zero. Boa, Waldir.

(A CHARANGA TOCA O TEMA DOS AGRADECIMENTOS. WALDIR E NEIDE AGRADECEM OS APLAUSOS)

QUINTO EPISÓDIO

(UMA TENDA DE MÁGICO. UM CABIDE DE PÉ. UMA MESINHA CHEIA DE OBJETOS QUE SERÃO USADOS NA CENA. QUALQUER DÉCOR QUE INSINUI O MÍSTICO, O FANTÁSTICO, O OCULTO)

ANUNCIADOR: Agora, senhoras e senhores, o Episódio nº 5 de "O HOMEM QUE ENGANOU O DIABO... E AINDA PEDIU TROCO".

(ESCURIDÃO. SINOS BADALAM. BARULHO DE VENTANIA. ASSOVIOS. CANTOCHÃO GREGORIANO. VOZES. UMA OVERTURE DO RELIGIOSO-FANTÁSTICO)

DIABO: (SURGINDO NO PALCO, INDO DE UM LADO PARA O OUTRO, ACOMPANHADO POR UM REFLETOR. DIANTE DA MESA, EXAMINA UM POR UM OS OBJETOS EXPOSTOS)
Nada de truques. A verdade, só a verdade. Tudo que aqui se fará é o puro mistério do sobrenatural. Tudo explicadinho pela meta-psíquica, para psicologia, quiromancia, cartomancia, teologia, astrologia, geomancia, alquimia e outros ramos do conhecimento e do desconhecimento do oculto. Se tens fé, verás. Quem tem fé? (LEVANTA OS BRAÇOS, VIRA-SE RAPIDAMENTE, CAMINHANDO PARA O FUNDO DO PALCO)

NEIDE: (SURGINDO, ACOMPANHADA PELOS REFLETORES)
Eu! Eu tenho fé! Eu tenho fé!

(CHARANGA: SOLO DE CORNETA)

Eu tenho fé. Eu creio.

(PROJEÇÃO DE SLIDE: "MADAME SAEL - CONSULTAS : 5 CRUZEIROS")

DIABO: (VOLTANDO, COM A MÁSCARA DE MULHER E UM LONGO VESTIDO ESTAMPADO. EXIBINDO UM BARALHO RETIRADO DA MESA)
Digo o presente, o passado e o futuro. Oriento a vida, ensino o caminho da fortuna, previno contra doenças, revelo o verdadeiro amor, descubro a traição, aconselho o bem e mostro a hora de fazer o mal. As cartas falam.

NEIDE: Quero saber o que dizem as cartas.

DIABO: Cinco cruzeiros pela consulta.

NEIDE: (PAGANDO)
Quero saber tudo.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.8242 - CEP 90020-015

DIABO: CARTOMANTE- (EMBARALHANDO AS CARTAS)
Corte o baralho com a mão esquerda. Assim. (TOMA A MÃO DE NEIDE) Vamos tirar agora sete cartas. Uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete. A sétima. (DIZ A CARTA QUE SAIU) Essa carta me diz que você foi muito amada na infância. Vejo um homem rindo com você no colo.

NEIDE: Meu pai. Ele gostava muito de mim.

DIABO: Vê, as cartas não mentem. Continuemos. Mais sete cartas. Oito, nove, dez, onze, doze, treze, quatorze. Décima quarta carta. (DIZ O NOME DA CARTA) Ah, que vejo agora! Um homem de olhos escuros, cabelos pretos, bem vestido, querendo lhe fazer algum mal. Está com outra mulher. Ciume.

NEIDE: É ele, o homem a quem amo. Valdir.

DIABO: Ele está com outra mulher.

NEIDE: Ela, bem que desconfiava. Maldição. Como sou infeliz.

DIABO: Continuemos. Tiremos mais sete cartas do monte da verdade. (TIRA MAIS SETE CARTAS) Vigésima primeira. (DIZ O NOME DA CARTA) Riqueza, fortuna,

vestidos coloridos. Danças. Luzes. Um alácio. Música. Maravilhoso.

NEIDE: E o meu amor? Onde ele está? Cadê o Valdir?

DIABO: Na vigésima primeira carta vejo somente a fortuna. Muita fortuna.

NEIDE: Mas, eu estou sozinha?

DIABO: Na vigésima primeira carta não vejo rostos, vejo roupas. Você está vestindo um bellissimo vestido de baile, cor de laranja, tem brincos, colar e bracelete de ouro, cravejados de brilhantes.

NEIDE: E Valdir? Onde está Valdir?

DIABO: Na vigésima primeira carta vejo muita gente mas não sei quem é.

NEIDE: Mas, onde ele está? Por favor. E cadê a mulher que estava com ele?

DIABO: Mais sete cartas. Vinte e duas, vinte e três, vinte e quatro, vinte e cinco, vinte e seis, vinte e sete, vinte e oito. Vigésima oitava. (DIZ O NOME DA CARTA)

NEIDE: Que diz a carta? (REPETE O NOME DA CARTA)

DIABO: Terríveis sinais de doença. Febre, frio e dor de cabeça.

NEIDE: Quem está doente? Quem está com febre?

DIABO: Na vigésima oitava carta vejo doença, choro, lágrimas, gemidos, uma cama branca, agulhas de injeção, uma cruz.

NEIDE: Mas, quem ficará doente? Quem sofrerá? Quem chorará?

- DIABO: Na vigésima oitava carta não vejo pessoas, nem vultos. Vejo somente objetos e sons. Tristeza.
- NEIDE: Tire mais, tire mais.
- DIABO: Vinte e nove, trinta, trinta e um, trinta e dois trinta e três, trinta e quatro, trinta e cinco. Trigésima quinta. (DIZ O NOME DA CARTA) Ah! (EX-PRESSÃO DE SUSTO, LEVA A MÃO À BOCA) Mistério, dúvida. Haverá muita paz, depois da doença e dos mal-entendidos, lua de mel...
- NEIDE: Que bom. Felicidade, enfim.
- DIABO: Filhos, êxito, automóveis de luxo, criadagem. Mas de repente... deixa-me ver a carta seguinte. (DIZ A CARTA) Oh, que desgraça.
- NEIDE: Desgraça? Mas, que desgraça? Não vou mais ser feliz?
- DIABO: Um desastre. Sangue. Vejamos depressa a próxima carta. (DIZ O NOME DA CARTA) Mais desgraça. Morte. Viuvez.
- NEIDE: Vou ficar viúva? Não é possível. Você não disse que eu ia ser feliz?
- DIABO: Vamos ver a próxima carta. (DIZ O NOME DA CARTA) Um vulto ri, um vulto de mulher, loura, alta, cabelos compridos, vestido azul claro, bolsa e sapatos brancos. Ela vai ao enterro. Ri, por trás de um lenço.
- NEIDE: É ela. É ela.
- DIABO: Loura, alta, cabelos compridos, vestido azul claro, bolsa e sapatos brancos.
- NEIDE: É ela.
- DIABO: (PROCURA UMA CARTA JÁ VISTA NO MONTE DE CARTAS JÁ TIRADAS)

A mesma louca que hoje está com o homem a quem ama. É ela.

NEIDE: (CHORA CONVULSIVAMENTE. CAI ESPETACULARMENTE)
É ela.

DIABO: (RECOLHENDO O BARALHO)
Se quiser, podemos fazer um trabalhinho. Baratinho, baratinho, coisa segura, sem nenhum perigo, guardo segredo absoluto. Se quiser, procure-me. Ponta da rua, casa cinco. Vá, se quiser ser feliz.

(DIABO SE AFASTA EM DIREÇÃO AO CABIDE. NEIDE CHORA, PROSTADA NO CHÃO)

DIABO: (TROCA A MÁSCARA DE CARTOMANTE POR UMA MÁSCARA DE PADRE, COM BARRETE)
Caríssima irmã, que desgraça lhe aconteceu? Que desesperança a faz chorar? É preciso ter fé.

NEIDE: Eu tenho fé.

DIABO: PADRE - Então, recupere a alegria. Os eleitos se alegrem. Alegremo-nos.

NEIDE: (LEVANTANDO-SE, AINDA DE JOELHOS)
Como poderei me alegrar, se o meu futuro é negro, se haverá tristezas, viuvez, orfandade, traição e miséria?

DIABO: Nada há no mundo que não se possa corrigir. Se é possível ao pecador salvar-se depois da morte, por que não será possível ao vivente melhorar o seu futuro? É só querer.

NEIDE: (DE PÉ)
Eu quero. Eu tenho fé. Que devo fazer?

DIABO: Oh, muito simples. Adquirir indulgências.

NEIDE: Eu quero indulgências. Que são indulgências? Eu quero.

- DIABO: Locutusque est Dominus ad Moysen et Aaron, dice ns: querelas filiorum Israel audivi. Dic ergo eis...
- NEIDE: Eu preciso fazer tudo para salvar o meu amor, o meu futuro. Preciso fazer alguma coisa.
- DIABO: As indulgências. Use as indulgências. É coisa muito grave? Pecado muito cabeludo? Conforme a situação, usa-se mais ou menos indulgências.
- NEIDE: Quero todas as indulgências possíveis.
- DIABO: Diga comigo: Miserere nobis. Miserere nobis. Mi serere nobis.
- NEIDE: Miserere nobis. Miserere nobis. Miserere nobis.
- DIABO: Cem dias de indulgências.
- NEIDE: Quero mais, muito mais. Há muitas desgraças e tempos pela frente.
- DIABO: Um ôbulo para as nossas obras. Uma esmola, quando mais generosa, mais indulgências...
- NEIDE: (ABRINDO A BOLSA E RETIRANDO UM MONTE DE DINHEIRO QUE COLOCA NA MÃO DO DIABO)
Pronto. É tudo que tenho. Veja quanto ganho de indulgências.
- DIABO: Anos. Seculo seculorum, amem. Mas, reze, reze, reze, muito. Miserere nobis, miserere nobis.
- (DIABO SE AFASTA. NEIDE FICA DE JOELHOS, REPETINDO INDEFINIDAMENTE "MISERERE NOBIS". O DIABO COLOCA AGORA UMA MÁSCARA DE HINDU, COM TURBANTE. DORSO NU. MÚSICA DE FLAUTA)
- DIABO: FAQUIR - Que fazes nesta situação, prostada e chorosa, ô mulher?
- NEIDE: Procuo salvar o meu futuro. Miserere nobis. Mi serere nobis.

DIABO: Não vê que com esse barulho apenas atraís o ódio do alto? Que afugentais os corpos de luz, chamando os espíritos das trevas?

NEIDE: Oh, deixai-me conseguir indulgências para salvar o meu futuro.

DIABO: Não. Estais em caminho errado. Eu vos mostro as alamedas de esperança do Vedanta Sutra. Eu venho dos jardins do Grande Khan. É preciso silêncio, meditação, a força da mente, o jejum, a concentração, a respiração, a inspiração. E fé.

NEIDE: Eu tenho fé.

DIABO: Vamos. Siga-me. Imite-me os movimentos. Mãos para o alto. Cruzando-as sobre o peito. Andando. Parando. Voltando-se para mim. Agora, sentando-se sobre as pernas. Olhar fixo no horizonte. Vê que aos poucos a paisagem se funde? Agora tudo se reduz a uma imensa bola azul? Prenda a respiração. Assim. Não se mexa. Olhar fixo no longe, no azul. Silêncio. Nem uma palavra. Eu sou o faquir de Sankara, capaz de jogar ao infinito a corda mágica e através dela ir onde só vão os pensamentos e trazer de lá as bonanças que estão além das nuvens, além das tempestades e dos ventos. Silêncio.

(NEIDE PERMANECE EM POSIÇÃO DE IOGA, OLHOS FIXOS NO HORIZONTE, IMÓVEL. O DIABO SE LEVANTA CAUTELOSAMENTE E PÉ ANTE PÉ VAI TROCAR DE MÁSCARA. AGORA É BABALORIXÁ, TODO DE BRANCO, MÁSCARA DE NEGRO, CABELEIRA DE CARAPINHA. BATUQUE)

DIABO: BABALORIXÁ- Que faz aí, minha filha, tão calada e desconsolada? Perdeu a voz, ou algum vento lhe tirou a vida? Virou imagem de barro ou foi o frio que a congelou?

NEIDE: (SEM SE MOVER)
Psiu. Psiu. É preciso silêncio, meditação, pra afugentar os fluidos maus e atrair os bons sinais.

- DIABO: O batuque é que chama os orixás e eles trazem - nos o que é bom e o que deve ser.
- NEIDE: Eu preciso ter o amor de quem eu gosto e que an da de cabeça virada por outra mulher, que certa mente deve ter mais encantos.
- DIABO: Eu jogo os búzios pra saber. Do jeito que os bú zios caem, pelas figuras que eles fazem, é pos sível saber tudo e ver o santo que é pra cha mar. Mas, é preciso ter fé.
- NEIDE: Eu tenho fé.
- DIABO: (JOGA OS BÚZIOS NO CHÃO)
Seu orixá é Oxum, sua cor é o amarelo ouro. Ar ranje logo um "abêbê" de lalão e bote no pesco ço.
- NEIDE: E o meu amor? Como vou fazer pra tê-lo pra mim e nos livrar-nos do mal e dos agouros, da mor te, das doenças e das tristezas?
- DIABO: Antes de mais nada, é preciso ter o homem. Como é mesmo o nome dele?
- NEIDE: Valdir.
- DIABO: (PUXANDO UMA TELA BRANCA PARA O MEIO DA CENA E DESENHANDO UM SIGNO DE SALOMÃO)
Pegue uma vela alí na mesa. Acenda e fique com ela na mão. Agora vire a vela de cabeça pra bai xo e agunte a quentura, que demora pouco. Diga o que vou dizer. "Assim como viro a vela, viro o coração de Valdir".
- NEIDE: Assim como viro a vela, viro o coração de Val dir.
- DIABO: Agora vá buscar uma faca de mesa. E trate de en fiá-la bem no centro no signo de Salomão. E di ga comigo: "Assim como a faca entrou no signo de Salomão eu também entro no coração de Val dir".

- NEIDE: "Assim como essa faca entrou no signo de Salomão, eu também entro no coração de Valdir".
- DIABO: Diga mais: "Assim como trinco fecha e trinco abre..."
- NEIDE: "Assim como trinco fecha e trinco abre..."
- DIABO: "Quero que o coração daquele desgraçado não tenha sossêgo enquanto não vier falar comigo".
- DIABO: "E nem possa dormir com outra mulher que não seja eu". Amem.
- NEIDE: "E nem possa dormir com outra mulher que não seja eu". Amem.
- DIABO: Pegue um lenço lá em cima da mesa, minha filha, dê três nós, dizendo cada vêz: "Isto é um nó de cabelo dele".
- NEIDE: (DANDO OS NÓS)
Isto é um nó do cabelo dele
Isto é um nó do cabelo dele
Isto é um nó do cabelo dele
- (ENQUANTO NEIDE DÁ OS NÓS, VAGAROSAMENTE, E REPETE SOLENEMENTE AS PALAVRAS DO BABALORIXÁ, O DIABO VOLTA AO CABIDE PARA COLOCAR SUA QUINTA MÁSCARA: É UM PASTOR, DE "CHYGMAN", DE BÍBLIA EM PUNHO)
- DIABO: PASTOR- Superstição? Loucura? Que fazes, mulher, a dar nós nesse lenço e a repetir palavras tão sem sentido?
- NEIDE: Me ensinaram essa oração para ter de volta o meu amor e desfazer os maus olhados e os serviços que fizeram contra mim.
- DIABO: (EXIBINDO UM LIVRO GROSSO E NEGRO)
Toda a verdade está contida aqui. Só a palavra deste livro dá a paz.

- NEIDE: E me dá o Valdir e salva o meu futuro?
- DIABO: A fé e o comportamento de acordo com as leis sagradas são capazes de remover montanhas, mudar os cursos dos rios, abrandar as tempestades, acalmar as ondas de um mar.
- NEIDE: Então, também me trará de volta o meu amor?
- DIABO: Por que não? Tem uma coisa, porém, esse amor deve ser desejado sem concupiscência, casto e puro, sem qualquer volúpia terrena. Mas, vejo que seus trajes não são propícios para uma comunhão com o senhor. Braços de fora, que escândalo ! O livro diz que é preciso guardar o pudor, esconder o que for possível do corpo para que não haja o pecado.
- NEIDE: Vestirei um agasalho.
- DIABO: (PEGA NA MESA UM AGASALHO)
Livre-se da concupiscência, da superstição. Ampare-se na fé e no comportamento exemplar. Fuma?
- NEIDE: Aceito um cigarro. Estou tão angustiada. O cigarro acalma.
- DIABO: Oh, não cultivo vício. Não estou oferecendo cigarro. Estou perguntando se fuma para aconselhar: não deve fumar, nem beber, nem dançar. Nem se dar a nenhum prazer ou uso do corpo de maneira concupiscente.
- NEIDE: Que devo fazer?
- DIABO: Ter piedade dos pobres, ler e decorar esse livro, usar vestidos de mangas compridas, saias abaixo dos joelhos, decotes em torno do pescoço. E fé. Muita fé.
- NEIDE: Eu tenho fé.

DIABO: Mas, é preciso ter fé apenas no livro. E fazer muitas obras. A fé sem as obras de nada vale. Eis o caminho da luz.

NEIDE: Eu quero esse caminho. Ele vai dar onde está Valdir?

DIABO: Vai onde a vida é bela, os amores são puros, ou vem-se os anjos, há flores por toda parte. Vamos, irmã, cantemos um hino para celebrar a sua adesão.

Procurar, procurar é a sina
de quem busca a salvação
cuidai, cuidai, irmãos
para não cair em tentação

Vamos irmã.

NEIDE: Procurar, procurar é a sina
de quem busca a salvação
cuidai, cuidai, irmãos
para não cair em tentação

(ACENDE-SE TODAS AS LUZES POSSÍVEIS. NEIDE ESTÁ NUM CANTO DO PALCO. O DIABO NOUTRO. LIVRANDO-SE DA MÁSCARA DE PASTOR. VALDIR SURGE NO MEIO DA CENA)

VALDIR: Que você faz aqui? Há mais de uma hora que procuramos. Que aconteceu? Está transtornada. Quem é aquele homem?

NEIDE: Não sei. Estiveram comigo aqui uma porção de pessoas estranhas. Uma cartomante disse coisas horríveis sobre o nosso futuro. Quem é a louca com quem você anda? Diga logo a verdade que é melhor.

VALDIR: Que história é essa? Isso é invenção de cartomante. Não há louca nenhuma.

- NEIDE: É preciso fazer alguma coisa. Arranjar indulgências, meditar, deixar de fumar, dizer orações da cabra preta, não fumar, não beber, ler o livro. Fazer mil coisas para nos livrar da loucura... ah, e do pior. Você não imagina o que nos separa.
- VALDIR: Essa cartomante lhe disse muita bobagem. Esqueça isso. Vamos logo que o pessoal tá esperando. Onde arranhou esse agasalho horrível? (TENTA RETIRÁ-LO)
- NEIDE: (SEGURANDO O AGASALHO)
É preciso pudor. Guardar o corpo, fugir de toda forma de escândalo e tentação.
- VALDIR: A cartomante lhe disse tudo isso? Lhe encheu a cabeça dessas loucuras todas? Incrível.
- NEIDE: Estava chorando com as revelações da cartomante, quando outras pessoas me vieram consolar. Um macumbeiro me disse que meu orixá é Oxum. Um padre me mandou adquirir indulgências. Um faquir dos jardins do Grande Khan me ensinou a meditar. Um pastor me deu esse livro e me mandou respeitar o que está escrito.
- VALDIR: Incrível que toda essa gente misteriosa tenha passado por aqui nesse instante.
- NEIDE: Pois passaram todos. Me perguntavam se eu tinha fé e eu lhes contava que uma cartomante me havia contado que meu amor estava entregue a outra e ia haver desgraças, doenças, desastres, viuvez.
- VALDIR: Quer dizer que me matavam nessas histórias que lhe contavam?
- NEIDE: A tal louca com quem você estava, sorria depois de tudo. Ia ao seu enterro, vestida de azul e sorria por trás do lenço com que fingia enxugar as lágrimas.

- VALDIR: Quero ver essa cartomante. Onde ela mora?
- NEIDE: Ela até se ofereceu para fazer um trabalho para nos livrar dessas aflições.
- VALDIR: Não deixou o endereço?
- NEIDE: Disse que morava na Ponta da Rua, nº 5.
- VALDIR: Depressa, vamos lá. Vejamos se essa cartomante desenrola esse carretel com a mesma imaginação.
- (VALDIR PUXA NEIDE PELO BRAÇO LEVANDO-A PARA FORA DO PALCO)
- NEIDE: (VENDO A MÁSCARA DA CARTOMANTE NO CABIDE)
Olhe ela ali. Está ali a cartomante.
- DIABO: (CORRENDO PARA O CENTRO DO PALCO, FINGINDO QUE TRABALHA EM NÚMEROS DE MÁGICA)
E agora, senhores e senhoras, novo número de prestidigitação. Nada nessa mão, nada nessa outra...
- VALDIR: (RETIRANDO A MÁSCARA DO CABIDE)
Mas, isso é uma máscara.
- NEIDE: Olhe as outras máscaras. O padre com barrete, o hindu com turbante, o babalorixá, o pastor. Essas máscaras são iguais às que me apareceram. Ah, eu estava tão perturbada.
- VALDIR: Devem lhe ter hipnotizado. O mágico dessa tenda. Não foi aquele homem?
- NEIDE: Esse homem eu vi antes da cartomante. Vim falar com ele por que ele perguntava quem tinha fé.
- VALDIR: (BATENDO NAS COSTAS DO DIABO)
Essas máscaras são suas?
- DIABO: Que máscaras?

- VALDIR: Essas máscaras de cartomante, hindu, padre, balorixá e pastor. São suas?
- DIABO: Fazem parte do espetáculo.
- VALDIR: O senhor hipnotizou esta mulher e lhe disse uma porção de loucuras.
- DIABO: Desculpe, senhor. Mas, isso faz parte do espetáculo. Atrair incautos, pessoas ingênuas e tolas. Fazê-las representar esses papéis ridículos.
- NEIDE: Fêz de mim uma ridícula.
- DIABO: Lamento, minha senhora, mas faz parte do espetáculo.
- VALDIR: Quem entra na tenda do mágico é como quem nasce e passa obrigatoriamente a pertencer à sociedade. Fica sujeito às leis e à força do mágico. Quem tem juízo, diverte-se. Quem percebe pode até se entregar ao jogo por prazer. Mas, quem não entende da malícia da arte do mágico...
- NEIDE: Quem não tem malícia, faz o papel ridículo que eu fiz.
- DIABO: Lamento concordar com a senhora.
- VALDIR: Isso não vai ficar. Não se pode hipnotizar e ridicularizar uma pessoa inadvertida.
- DIABO: É melhor ir saindo, cavalheiro, para evitar escândalo. Distinto público, aqui é a Tenda da Verdade. O ocultismo e seus mistérios...
- VALDIR: Distinto público. Aqui é a Tenda da Mentira. O ocultismo é saída dos sabidões, o contrário da verdade. Eu digo e provo que esse mágico não sabe de nada.
- DIABO: Eu sei tudo. Eu vejo tudo.

- VALDIR: Sabe de nada. Eu desafio o mágico.
- DIABO: Escolha as armas. Espada, esgrima, revólver ou palavrão?
- VALDIR: Eu desafio com uma adivinhação.
- DIABO: Aceito. Eu lhe proponho uma e o senhor me propõe outra. Se o senhor não acertar, fica logo desclassificado, nem tem direito a me fazer outra.
- VALDIR: Aceito.
- DIABO: Então me mate essa adivinhação: Era de madrugada.
- VALDIR: Era de madrugada.
- DIABO: Choro de criança. A ama da criança acode, olha para o relógio e diz: o nenem está com fome.
- VALDIR: Era de madrugada. Choro de criança. A ama da criança acode, olha o relógio e diz: o nenem está com fome.
- DIABO: A ama corre à cozinha pra preparar a mamadeira. Mas, quando abre a geladeira, que decepção. Não tem mais leite. Que fazer?
- VALDIR: Era de madrugada. Choro de criança. A ama da criança acode, olha o relógio e diz: o nenem está com fome. A ama corre à cozinha, pra preparar a mamadeira. Mas, quando abre a geladeira, que decepção. Não tem mais leite. Que fazer?
- DIABO: Idéia luminosa. A ama abre a porta e vai olhar se o leiteiro já colocou o leite na casa do vizinho. A rua está deserta. A ama rouba o litro de leite da porta do vizinho e vem fazer a mamadeira do nenem. Pergunta-se: como é o nome do dono da casa, onde o nenem chorou?

- VALDIR: A ama rouba o leite da casa do vizinho para fazer a mamadeira. Como é o nome do dono da casa onde o nenem chorou?
- DIABO: Vamos. Responda. Contarei até três.
- VALDIR: Não precisa. O nome do dono da casa onde o nenem chorou é Amadeu Leite Furtado. Ama deu o leite furtado do vizinho. Certo?
- DIABO: Infelizmente. Agora faça a sua advinhação.
- VALDIR: Um homem vinha por um caminho...
- DIABO: Quer dizer que um homem vinha por um caminho...
- VALDIR: De repente, encontrou um rio, que devia atravessar. Não querendo se molhar, procurou ver se mais abaixo havia uma ponte. Andou, andou e encontrou uma pontezinha de madeira, uma pinguela, com um cartaz: "Passagem para uma só pessoa".
- DIABO: O homem não queria atravessar o rio sem se molhar, procurou uma ponte, encontrou uma pinguela com um cartaz: "Passagem para uma só pessoa".
- VALDIR: O homem era muito prevenido e, desconfiando da ponte, foi devagarinho até o meio, saculejou bem e voltou, dizendo: agora, vou passar, já testei. Perfeito. Mas, quando resolveu atravessar a ponte não tinha chegado ao meio, a ponte caiu e o homem se molhou todo.
- DIABO: Quando resolveu atravessar e antes que chegasse no meio, a ponte caiu.
- VALDIR: Pergunta-se: por que a ponte caiu?
- DIABO: Não sei. Não estava lá. Vai ver, a madeira estava podre.
- VALDIR: Responda, não pode fazer graça. Isso é uma aposta. Quer fazer graça? Vamos, responda.

- DIABO: Isso é lá advinhação que se faça.
- VALDIR: Vamos, responda. Tá valendo a nossa aposta.
- DIABO: Distintíssimo público: acabei de vos apresentar mais um idiota, metido a sábio. A advinhação de le é fraquíssima. Não preciso nem respondê-lo. Desclassificado. Música, maestro, vamos terminar o espetáculo.
- (CHARANGA ATACA UMA MARCHINHA. O DIABO SAPATEIA, PEGA O CABIDE E A MESINHA E VAI SAINDO)
- VALDIR: Calma, seu mágico. O público está esperando que você responda.
- DIABO: Adeus, adeus, eu vou partir. Adeuzinho.
- VALDIR: (AO PÚBLICO)
Volta ou não volta? Volta, volta.
- DIABO: Então repita a advinhação.
- VALDIR: (ENQUANTO VALDIR FALA, O DIABO FUGE, DEVAGARINHO)
O homem encontrou uma ponte com um cartaz: "Passagem para um só homem de cada vêz". Experimentou, foi até ao meio e voltou. Quando o homem se decidiu finalmente a passar, a ponte caiu. Por que a ponte caiu?
- HOMEM DE BRANCO: (SURGINDO NO SEU TRAPÉZIO)
O Diabo foi embora. Perdeu por desistência. Mas, como é a resposta da advinhação?
- VALDIR: Ora. A ponte caiu porque "um homem prevenido vale por dois".
- HOMEM DE BRANCO: Um diabo perdeu mais um ponto. Cinco a zero. E aprendam vocês todos: "Mistério e máscara são uma farsa só".
(CHARANGA. VALDIR AGRADECE. OS EMPREGADOS DO CIRCO ATRAVESSAM O PALCO COM UM PLACAR: VALDIR 5 x DIABO 0)

SEXTO EPISÓDIO

ANUNCIADOR: Senhores e senhoras. Apresentamos agora...

VALDIR: (ENTRA CORRENDO, PEDINDO SILÊNCIO)
 Aguenta aí, nosso amigo. Que a coisa vai mudar. Tá na hora de acabar com essa vantagem do Diabo atacar e eu ter que me defender. Já estou ganhando de cinco e agora quero o troco.

HOMEM DE BRANCO: (SEMPRE SE BALANÇANDO NO SEU TRAPÉZIO)
 Perfeito, Valdir. Agora é a hora do troco.

VALDIR: Todo mundo peixe. Silêncio geral. Vou arrumar meu pessoal pra ficar na espera. Por aqui, pessoal.

(ARRUMA TODOS OS COMPARSAS, INCLUSIVE NEIDE, POR TRÁS DA CORTINA, ATRÁS DE GALHOS DE ÁRVORES TRAZIDOS PARA O PALCO)

HOMEM DE BRANCO: Perfeito, Valdir. Agora é a sua vez.

(VALDIR TAMBÉM SE ESCONDE)

ANUNCIADOR: Senhores e senhoras. O Circo e Teatro Fekete anuncia para amanhã outro novo e sensacional espetáculo e apresenta, agora, o "O HOMEM QUE ENGANO O DIABO... (ACORDE) E AINDA PEDIU TROCO".

ÚLTIMO EPISÓDIO

(DIABO ENTRA NUMA CADEIRA DE RODAS, DISFARÇADO DE MENDIGO ALEIJADO. A CHARANGA E O CORO CANTAM A CANÇÃO DO DIABO, QUE ELE SUSPENDE NO MEIO, PEDINDO SILÊNCIO)

CHARANGA E CORO

Teatro de Arena
 Av. Borges de Medeiros, 835
 Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Salve Mestre Lu, grande Diabo
 Senhor de muitos nomes
 Dono de muitas artes
 Lúçifer, Satanás, Exu
 Salve Mestre Lu, grande Diabo

- DIABO: rarem, parem. Não vêm que estou disfarçado. Ves tí-me de mendigo para arranjar um dinheirinho e espionar o que eles fazem. O Valdir desapareceu. Tenho que arranjar um jeito para o golpe final.
- HOMEM DE BRANCO: Qual é a última, Diabo?
- DIABO: Silêncio. Não vê que estou disfarçado. Assim não é possível. Precisa respeitar minhas condições de trabalho.
- HOMEM DE BRANCO: Está certo. Prometo ser absolutamente parcial. Desta vez não interfiro. Quero apenas assistir.
- DIABO: Já perdi muito. Agora, é a tacada final. Mato o Valdir.
- HOMEM DE BRANCO: Mata?
- DIABO: Já prometeu que não vai intervir, só vai assistir.
- HOMEM DE BRANCO: Mantenho a palavra.
- DIABO: Ótimo. Agora vai ser o golpe ~~inicial~~ ^{inicial} chamado golpe de caridade. A comiseração, a piedade, a comoção. Vou bancar o infeliz, cantar minhas desgraças e ele vai me socorrer. Então, mato-o com essa faca no coração...
- HOMEM DE BRANCO: E a polícia? Vão prendê-lo. E os outros homens, vão linchá-lo.
- DIABO: Fujo. Está tudo organizado. Estou com dinheiro aqui (MOSTRA UM PACOTE) Tiro o disfarce e mando me para o inferno, de onde já saí há muito tempo e me esperam com festas e condecorações.

HOMEM DE BRANCO:

Diabo, você é um gênio. Mas, quero lhe dar um conselho: não brinque com o homem que ele está terrível, sabido demais.

DIABO:

Deixe por minha conta que eu não vou decepcionar o meu eleitorado. Aguenta a mão.

(CHARANGA TOCA TEMA SENTIMENTAL. LUZES PRÓPRIAS PARA A COMISERAÇÃO QUE O DIABO QUER EXPLORAR. O DIABO TOMA UMA VIOLA E COMEÇA A CANTAR)

Meus irmãos, minhas irmãs
venham cá, me socorrer
sou um pobre aleijado
que não tem o que comer.
Já fui rico, já fui lorde
tive muito dinheiro.
Mas, uma mulher sem moral
me largou nesse atoleiro.
Triste do homem que ama
quem não merece o amor
a mulher que me traiu
teve tudo, teve amor
só não teve moral
pra se fazer respeitar.

*Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025*

Uma esmola para um pobre aleijado.
Uma esmola para um pobre aleijado.
Uma esmola para um pobre aleijado.
Uma ~~es~~smola para um pobre aleijado.

(POR TRÁS DOS GALHOS DE ÁRVORE, SAEM OS COMPARSAS DE VALDIR, QUE SE APROXIMAM PELA FRENTE, EM DIREÇÃO AO DIABO. VALDIR TIRA A CARTEIRA DO BOLSO, ENQUANTO SEUS HOMENS CERCAM O DIABO. QUANDO VALDIR VAI COLOCAR O DINHEIRO NO CHAPÉU QUE O DIABO LHE ESTENDE, A CHARANGA ATACA O ACORDE DOS MOMENTOS CULMINANTES. O DIABO SALTA COM UM PUNHAL PARA ATINGIR VALDIR, MAS OS OUTROS PERSONAGENS O SEGURAM E COMEÇAM A

AMARRÁ-LO NA CADEIRA. O DIABO ESTREBUCHA. GRITA. A CADEIRA DE RODAS DO DIABO VAI DE UM CANTO PARA O OUTRO DO PALCO. COLOCAM UM SACO SOBRE O CORPO DO DIABO E NUM DESSES MOVIMENTOS, A CADEIRA, DEVE SER TROCADA POR OUTRA, IGUAL, QUE ESTARÁ POR TRÁS DA CORTINA. A CADEIRA DE RODAS QUE ROLARÁ PELO PALCO, APESAR DE TER O MESMO VOLUME DO DIABO, TRAZ APENAS UM SACO DE TRAPOS)

VALDIR:

E agora, Diabo velho, o fim. Basta de tentações e empulhações. já estou cansado de enfrentá-lo e enganá-lo. Agora, você volta pra o Inferno.

(ENTRAM HOMENS COM TOCHAS ACESAS)

HOMEM DE BRANCO:

Ô Valdir, **você** não vai querer o troco?

VALDIR:

O que é que o Diabo tem pra me dar de troco?

HOMEM DE BRANCO:

Dinheiro. Ele tem um saco cheio de dinheiro pra levar pro inferno. Revista ele.

VALDIR:

(RETIRA DE DENTRO DA CADEIRA O SACO DE DINHEIRO DO DIABO)

Ótimo. Acabei com o bicho e ainda ganhei troco. (COMEÇA A JOGAR DINHEIRO PARA O ALTO) E agora, fogo no Diabo.

(A CADEIRA DE RODAS É UMA ENORME TOCHA INDO DE UM LADO PARA O OUTRO DO PALCO. O HOMEM DE BRANCO PUXA OS APLAUSOS. VALDIR, NEIDE, OS HOMENS COM AS TOCHAS E OS DEMAIS PERSONAGENS FAZEM VOLTAS PELO PALCO, DANDO ADEUS AO PÚBLICO)

HOMEM DE BRANCO:

O Homem enganou o Diabo e ainda levou troco.

(O HOMEM DE BRANCO ABANDONA O TRAPÉZIO E DESCE AO PALCO. AGRADECIMENTOS)

rcot/rio de janeiro/maio/1975

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025
Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025